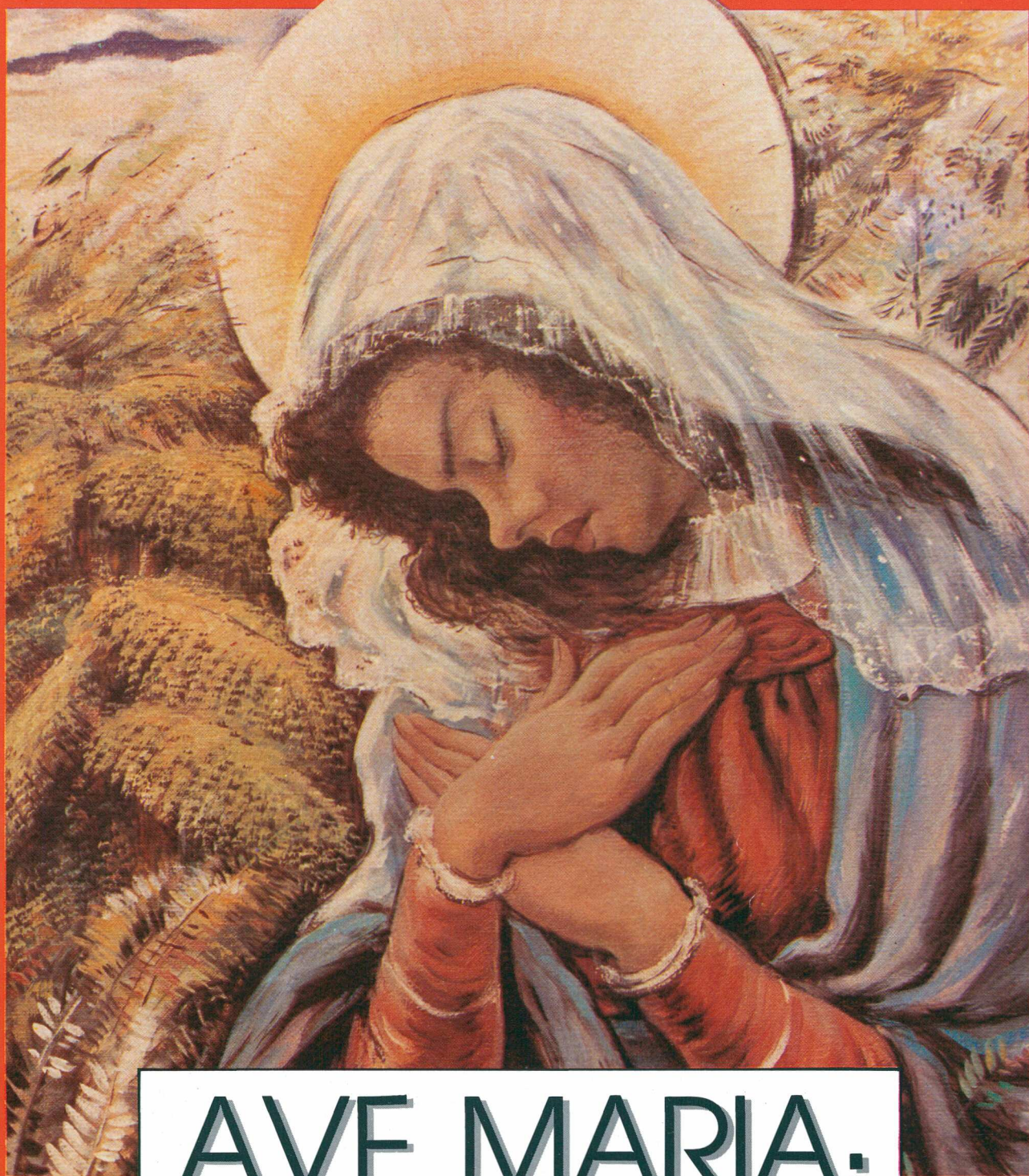


am

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO XC
Nº 5 — MAIO 1988 — Cz\$ 50,00



**AVE MARIA:
90 ANOS**

DIZER TEU NOME, MARIA



*Dizer teu nome, Maria,
é dizer que a Pobreza
compra os olhos de Deus.*

*Dizer teu nome, Maria,
é dizer que a Promessa
tem sabor de leite materno.*

*Dizer teu nome, Maria,
é dizer que a nossa carne
reveste o silêncio do Verbo.*

*Dizer teu nome, Maria,
é dizer que o Reino vem
caminhando com a
História.*

*Dizer teu nome, Maria,
é dizer que todo nome
pode estar cheio de Graça.*

*Dizer teu nome, Maria,
é dizer que toda morte
pode ser também sua
Páscoa.*

*Dizer teu nome, Maria,
é dizer-te Todo Teu,
Causa de nossa alegria.*

Pedro Casaldáliga, cmf
Bispo de São Félix do Araguaia (MT)

Ave Maria - 90 anos

São Paulo, 26 de maio de 1898. Cerca de 50.000 habitantes.

Dois dias após ter sido colocada a imagem do Coração de Maria, no alto da cúpula do Santuário do mesmo nome, a 28 de maio de 1898, festa de Pentecostes, foi fundada a revista *Ave Maria*. Um humilde "periódico dedicado à imaculada Virgem Mãe de Deus".

Pequenina, com 4 páginas e 300 exemplares, a revista *Ave Maria* nasce, naquele dia — pioneira das revistas marianas e populares do Brasil.

Os fundadores do "periódico" representavam, quase simbolicamente, as principais forças do laicado católico: Comendador Tiburtino Mondim Pestana, sub-secretário do interior, D. Maria Candida Junker Álvares, alma feminina da empresa, e Manuel Recco, esforçado operário.

A revista era publicada quinzenalmente e sua distribuição era gratuita.

Apesar do carinho com que o nobre escritor paulista, Comendador Tiburtino Mondim, e não obstante a dedicação generosa de D. Maria Candida Junker Álvares, a qual sufragava, quase a sós, as despesas de impressão, a pequena *Ave Maria* começava a submergir.

Após um ano de publicação o periódico foi confiado aos cuidados dos Missionários Claretianos.

Em 1899 já atingia mais de 1.000 exemplares e iniciava sua publicação semanal. E por essa mesma data a *Ave Maria* começou a ser impressa em tipografia própria, sita à rua Jaguaribe, no edifício dos missionários.

Em 1907 a *Ave Maria* foi a primeira a contar com os Irmãos Propagandistas, divulgadores e cobradores itinerantes que até hoje a tornaram conhecida em mais de 1.000 cidades brasileiras.

Sempre sob a proteção da Virgem Mãe, atravessou décadas, não sem dificuldades e sacrifícios e agora, ao completar 80 anos de ininterrupta existência, a *Ave Maria* continua cumprindo a sua missão profética de espalhar "para todos os quadrantes do horizonte as sementes fecundas do Evangelho".

Atualmente a revista *Ave Maria* é mensal e tem 37.000 assinantes espalhados em 1.074 cidades. Se contarmos 5 leitores em cada exemplar chegase a um total de 185.000 leitores. A partir dos dados fornecidos pelo número comemorativo dos 80 anos, até este número a revista editou 3.732 números ininterruptamente, totalizando cerca de 114.899.600 exemplares.

Com este ramallete depositado aos pés da Mãe de Jesus a revista *Ave Maria* agradece a Deus a sua longa e profícua existência, bem como as centenas de milhares de leitores e amigos. Seu único desejo é tão-somente ampliar sua divulgação para que cresça a devoção à Virgem Maria e o círculo de amigos aumente ainda mais.

Que a esperança cristã se acenda cada vez mais nos corações de seus leitores e que todos encontrem em sua mensagem o caminho da verdade, da justiça, da paz e da libertação.

Em maio, como há 90 anos atrás, dois acontecimentos importantes para celebrar: o Pentecostes e a fundação da revista *Ave Maria*. No artigo "Maria e o Pentecostes", José Cristo Rey analisa a parte da *Redemptoris Mater* de João Paulo II onde o papa escreve sobre a presença apostólica de Maria na Igreja nascente. Maria que é nossa Mãe e nossa Mestreira.

P.C.G.

AVE MARIA

PERIÓDICO DEDICADO À IMACULADA VIRGEM MÃE DE DEUS

ANO I São Paulo, 26 de Maio de 1898

Nossa Róia

Toda palavra é como uma semente, que produz fruto conforme sua espécie; assim, há palavras que matam, e palavras que salvam.

Seus propagandistas, dando vida às palavras faladas da serpe infernal, perderam aquela fidelidade inamovível, que seria seu apogeu, se houvessem permanecido fiéis a Deus: e, na sua deslealdade, arrastaram após de si toda a sua posteridade.

Mas, o Senhor, cujas misericórdias são infindáveis, revelou, em sua infinita bondade, remediar os grandes danos, operando à palavra de Salvação, que infundira a humanidade, nos próprios filhos rebeldes, no Verbo, que devia encerrar e iluminar entre nós para reviver a fé de nossos primeiros pais, reconhecidos nos conselhos e propósitos de uma religião oposta.

Antes, porém, de effectuar-se o grande e inefável mysterio da Encarnação, appareza a S. Trindade, a partir de um celestial collaborador. A qual lição cujo ser perennis devia anunciar nos seus entranças a subordinação hierárquica, como que para obter sua acquiescência: pelo que a S. Trindade dirigida pelo Anjo à Virgem: Ave Maria! ficou sendo a pregação do divino concerto dos inextinguíveis mysterios da Encarnação e Redenção, e qual, como que ao tempo renova por toda a eternidade, e cujo sublime accordo gloriosos indubitavelmente se desce e constitua a bem-aventurança dos escolhidos.

Uma vez mencionado o lyrical nome de Maria, «Jesu millesies» dentro de sua Regra, como um peão das graças que sobre nós havia de derramar, e ao mesmo tempo como um forte obstáculo a oppor contra esse inimigo [P. Faber].

Hoje, como nunca, a Regra do livro ali tem succedido a grupos abun-

dantes para fazer frente a luctos contra inimigo declarado e latente. Apparece, que prestamos destarte a deusa sacra por ella formada e citada. Qual o meio, então, de que devemos lançar mão para obter estas graças e com maior facilidade? Seguir o conselho de S. Hieronymo: « Em tempo de perigos e angustias, fize a Deusa, invocae Maria: si ella vos defender, nada terae que temer: si vos proteger, não calderis (?)»

Essa porque, graças ao zelo de alguns piedosos, vem hoje a luz da publicabilidade uma modesta publicação, cujo escopo principal é promover uma verdadeira e sincera devoção à Immaculada Virgem Mãe de Deus, como meio seguro, effizaz, de influir em todos os conselhos serenos e verdadeiros proprios christãos: visto como «amar a Maria não é mais do que outro modo de amar a Jesus, assim multiplicado pelo divino collaborador [P. Faber].»

Além disso, com o auxilio e sob o égide de Maria, occupam-se com os estudos, quanto aos perenniteros nos seus delatos forças, de tudo aquilo que se prende aos interesses catholicos: doutrina-Maria, como está a Regra destruido todas as barreiras no mundo antigo, e Maria é terrível como nos ensinamos da mais insigne devotissima.

O bello, e útil e o agradável, em suas applicações christãs, acco-

nto também as modestas columnas deste periodico e melhor acolhido: pois Maria é piedosa como a luz, escolhida como o sol: Ella é a Mãe do Belle Amor e a causa das nossas redempções allegrias.

Tropado assim nos pés da Virgem Soberana dos Céus e Terra, Mãe de Deus, e de todos os christãos.

Quem como Ella jamais poderá sustentar e cumprir como devesse de Ella, de esposa e de Mãe?

E demais disso, devem os senhores catholicos crear os braços e pernas indifferentes ao tratar dos interesses vicos da Religião? De certo que não: antes pelo contrario necessitam fazer tudo quanto lhes permittam seu sexo, sua posição social e os recursos que lhes tem invento confido em bem da propagação e conservação das suas doutrinas e das boas costumbres da família e da sociedade.

E por isso é de esperar que todas as outras senhores catholicas (além mesmo mais agias do que eu), tentado de de uma obra consagrada à honra de nossa boa Mãe do Céu, se dignem tom-la a peito e interessar-se para que ella, — a primeira, em seu

Deus e Mãe do Homem, e nosso programma, procuremos exacto e fielmente: assim Deus nos ajude, e os bons filhos de Maria nos protejam, como esperamos, seu valioso concurso.

A'S SENHORAS CATHOLICAS

Quemlida para auxiliar esta publicação, cujo objecto é honrar a Virgem Santissima, Senhora Nossa; e defender suas nobres prerogativas, e, ao mesmo tempo, pagar sob o manto de nossa Virgem, pelo cujas doze nobres sacrosantas fidejuras, já que de nós deve, como humilde, uma doctíssima filha da Igreja Catholica, favor por ella quando pedisse, em nome de muitas graças possas.

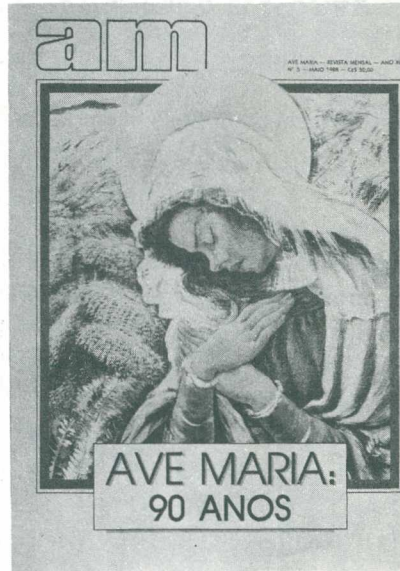
Como sempre a escrever, e os senhores modestamente, para que seja glorificada. Aquella que desde a infancia de minha vida se digno imortalizar sob sua maternal protecção? E não é Maria o mais perfeito modelo de mulher christã em todas as circumstancias da vida?

Quem como Ella jamais poderá sustentar e cumprir como devesse de Ella, de esposa e de Mãe?

E demais disso, devem os senhores catholicos crear os braços e pernas indifferentes ao tratar dos interesses vicos da Religião? De certo que não: antes pelo contrario necessitam fazer tudo quanto lhes permittam seu sexo, sua posição social e os recursos que lhes tem invento confido em bem da propagação e conservação das suas doutrinas e das boas costumbres da família e da sociedade.

E por isso é de esperar que todas as outras senhores catholicas (além mesmo mais agias do que eu), tentado de de uma obra consagrada à honra de nossa boa Mãe do Céu, se dignem tom-la a peito e interessar-se para que ella, — a primeira, em seu

Primeiro número da Ave Maria, 28 de maio de 1898.



am 90 ANOS
avemaria

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEP-R sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209 / 73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Claudio Gregianin (MTPS n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Luperício E. de Oliveira

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01226 - São Paulo).

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54 215 (CEP 01227) - São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista Ave Maria. - A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinatura são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: Cz\$ 120,00; ass. natural nova e renovação: Cz\$ 1.200,00; assinatura de benfeitor: Cz\$ 2.400,00

- 5 • REVISTA AVE MARIA 90 ANOS A SERVIÇO DO EVANGELHO
- 6 • ORAÇÃO À VIRGEM DA ANUNCIAÇÃO
- 7 • ANO MARIANO: MARIA E O PENTECOSTES
- 10 • O MISTÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE
- 12 • SOMOS POVO LATINO-AMERICANO. MARIA É MÃE DESTE POVO
- 15 • MARIA DA LIBERTAÇÃO
- 16 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA
- 18 • MARIA, A VIRGEM DA VISITAÇÃO
- 19 • PÁGINA CATEQUÉTICA
- 20 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA
- 23 • QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!
- 24 • COMO SE FAZ UMA REVISTA
- 26 • LIVROS RECEBIDOS

Foto da capa

VIRGEM DAS SAMAMBAIAS
Pintura de Antônio Paim Vieira

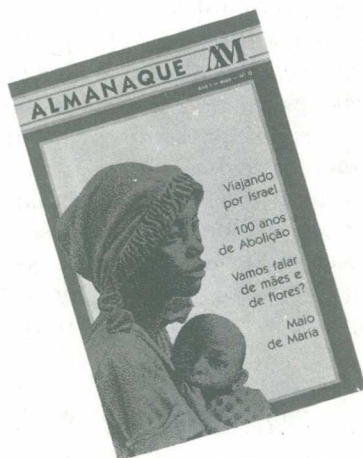
A imagem da Virgem é representada por uma figura de uma jovem mestiça, de cor e traços bem acentuados. Esta pintura se propõe retratar a Virgem Maria de tal maneira que negros e mestiços, índios e mulatos se reconheçam nos traços da Mãe de Deus. Mãe de todos os homens sem exceção, Maria é exemplo de fé e modelo de obediência a Deus. Exemplo e modelo a serem imitados. A paisagem representa um denso samambaial. A razão da presença deste vegetal está na analogia que existe entre o crespado miúdo de suas folhas e a cabeleira do negro. Lembrança singular do espírito da Campanha da Fraternidade deste ano: a fraternidade e o negro.

Aviso aos assinantes:

Em virtude da impossibilidade da visita do Sr. Joaquim, passará dentro de alguns dias nosso representante, o sr. GERÔNIMO J. FARIAS, para efetuar o recebimento das renovações e efetuar novas assinaturas.

Nas cidades de: FORMIGA, PAINS, ARCOS, IGUATAMA, LAGOA DA PRATA, MOEMA, BOM DESPACHO, PITANGUI, SANTO ANTÔNIO DO MONTE, LUZ, DORES DO INDAIÁ, CAMPOS ALTOS, IBIÁ, ARAXÁ, BRUMADO DE PITANGUI, BAMBUÍ.

CARTA AO LEITOR



Como havíamos prometido, você está recebendo, **inteiramente grátis**, o número "zero" do **Almanaque AM**. É um presente pela passagem do 90.º aniversário da **Revista AM (Ave Maria)**.

O **Almanaque AM** será publicado mensalmente, a partir de se-

tembro, com assuntos variados, todos de seu interesse, relativos aos acontecimentos de cada mês do ano, semelhante a este que você está recebendo.

Conterá sempre assuntos importantes para seu **LAR**, para seu **TRABALHO** e para seu **LAZER**, além de ser um ótimo material de **PESQUISA ESCOLAR** para alunos e professores.

Para podermos publicá-lo mensalmente, o **Almanaque AM** depende única e exclusivamente de **VOCÊ**.

Não mande dinheiro agora! Faça já sua reserva. Preencha o **Certificado Especial de Reserva** e garanta o recebimento do seu **Almanaque AM** a partir da primeira semana de setembro em sua casa.

Escreva para a Editora Ave Maria fazendo sua reserva

REVISTA AVE MARIA: 90 anos a serviço do Evangelho

No dia 28 de maio a revista *Ave Maria* está comemorando 90 anos de existência, 90 anos a serviço do Evangelho. Este serviço tem como modelo e exemplo aquela que é a Mãe de Deus e da Igreja, a Virgem de Nazaré. *Ave Maria*, o título da revista, recorda sempre a saudação do Arcanjo, que deu início à nossa Redenção.

Ave Maria nos faz lembrar a missão de Maria, aquela que fora predestinada desde toda a eternidade a ser a Mãe de Deus, aquela que com toda a generosidade de seu coração disse *sim* à vontade de seu Deus e Senhor, aquela que foi a portadora de Jesus Cristo, nosso Salvador, aos homens. Como Maria, a revista quer levar a todos Jesus Cristo e sua mensagem de fé, de esperança e de caridade.

Os Missionários Claretianos, com muito esforço e dedicação, pretendem manter a revista *Ave Maria* na sua identidade apostólica, na sua simplicidade evangélica. Nascida do povo, para o povo, fala ao coração do povo e na sua simplicidade quer a revista conservar uma grande dignidade, que se manifesta até no cuidado de sua apresentação.

Neste ano mariano a revista *Ave Maria* comemora seus 90 anos e pretende conservar também o seu caráter mariano, pois o povo brasileiro sente grande amor para com aquela que é a Mãe de Deus e da Igreja e necessita ser bem esclarecido nesta devoção para que Nossa Senhora seja honrada como convém, seus filhos sintam a alegria de sua proteção materna e sejam levados a Cristo por Maria.

É este o desejo dos Claretianos, porque querem ser fiéis ao espírito claretiano, isto é, ao espírito do grande missionário e escritor, San-



Primeiro número da Ave Maria.
28 de maio de 1898.

to Antônio Maria Claret, que soube identificar-se com o povo, precisamente porque seu coração era orientado e entusiasmado pela caridade de Cristo. Claret, em seu grande espírito missionário, usou todos os meios possíveis para evangelizar mais e melhor; escreveu, de próprio punho, 124 títulos de livros, fundou uma livraria religiosa em Barcelona com o objetivo de difundir a boa imprensa, a serviço do Evangelho, espalhou milhões de livros, livrinhos, folhetos, opúsculos, gratuitamente ou a preços ínfimos.

Os Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Claretianos) iniciaram esta obra em 1898, recordando a saudação do Arcanjo: "Ave Maria" e lhe deram este cunho Mariano, o que, em nossos dias, queremos conservar e ampliar, porque também aqui desejamos ser fiéis ao Fundador que tinha Maria como sua Mãe, Mestra e Formadora, que fora formado na frágua de seu amor. Claret cultivava em seu coração uma

grande espiritualidade cordimariana e em sua vida uma grande devoção ao Coração Imaculado de Maria. Para ele o coração de Maria era um modelo para sua vida e atividade missionária; para ele Maria era sua grande aliada em sua obra evangelizadora, ela que trouxera Cristo aos homens, continuava, por meio dele, a levar o Filho de Deus aos homens e os homens a Deus.

Em nome dos Missionários Claretianos e nesta comemoração de ação de graças e de esperanças, é justo que dirijamos uma palavra de gratidão a todos os que incansavelmente têm contribuído para tornar sempre viva esta empresa que, acima dos homens, é de Deus, palavras de gratidão ao Diretor da revista, aos Irmãos Missionários que, com tanto sacrifício, visitavam anualmente milhares de famílias, e ao apoio dos assinantes da revista *Ave Maria*. ■

Pe. Oswair Chiozini, cmf
28 de maio de 1988

ORAÇÃO A VIRGEM DA ANUNCIAÇÃO

Severiano Rodriguez, cmf

*Eu sei — e é só uma questão
de abrir os olhos — que o
desenho todo é
uma anunciação;
porém já é mais difícil
precisar quem é o anunciante
e que mensagem leva para ti,
ó Maria!*

*Pois não é o anjo nem
de suas coisas o falar,
mas sou eu e das minhas...
e este outro... mais outro...
e muitos outros...
quantos!... — todos homens
— insistindo em nos espremer
ao teu redor...
e... de quantas e quantas
coisas queremos
te dizer...
embora, mesmo sabendo que
tu estás por dentro
dos nossos pedidos, vais além,
não ficas presa neles,
ó Maria.*

*Continuas de joelhos, de
igual modo que te encontrou
o anjo na primeira
mensagem:
os homens não param de
desfilar diante de tua figura
diminuta e esquiva;
e sempre nos encontrarás de
pé porque — convence-te —
temos pressa, muita pressa.*

*Nossas palavras não podem
ser de calma e repcuso,*



*não podemos entabular um
diálogo tranqüilo nem
contigo,
por mais que queiras
convencer-nos com tua
postura
— de joelhos —
pois as palavras para
apreciá-las é preciso
derramá-las lentamente
colocando eternidade ali
onde elas estão batizadas
com tempo.*

*Vivemos esquematizados,
ó Maria,
como esse anjo sem asas
que te traz a mensagem;
lançando rapidamente
de alto a baixo o olhar,
disperso, genérico, sem
substanciar o ambiente
e menos ainda a própria
vida,
por isso a superficialidade
nos corrói... e por isso
também te pedimos
— vamos, levanta um pouco
só os olhos, pequena
menina —
e pedimos: force-nos a ficar
a não mais de meio metro
de tua presença materna
e ensine-nos lições de vida
até o cansaço...*

*E, que bom mudar os papéis
se fosses tu
a mensageira!...* ■

MARIA E O PENTECOSTES

José C.R. García Paredes

Em maio deste ano dois acontecimentos importantes são lembrados. Em primeiro lugar Pentecostes, a vinda do Espírito Santo, consolidando a fé dos apóstolos no ressuscitado e infundindo neles o espírito de unidade e a força e coragem para anunciar ao mundo um novo tempo com Cristo ressuscitado, tempo de graça, tempo de libertação do pecado e da morte. Em segundo lugar a presença da Virgem Maria na primeira comunidade cristã, presença já agraciada desde a anunciação: “Ave, Maria, cheia de graça!” A Virgem Maria cuja presença dá preciso testemunho pessoal sobre a vida de Jesus. Nela encontramos o exemplo e o apoio para a caminhada da Igreja.



do Deus verdadeiro... abandonando-se plenamente em Deus por meio da obediência da fé... O caminho da fé de Maria, a qual vemos orando no cenáculo, é portanto ‘mais longo’ do que o dos ali reunidos: Maria ‘os precede’, ‘caminha diante’ deles. O momento de Pentecostes em Jerusalém foi preparado, além da cruz, pelo momento da anunciação em Nazaré. No cenáculo, o itinerário de Maria encontra-se com o caminho da fé da Igreja” (RM, 26).

Não convém estabelecer dualidade entre Maria e a Igreja. Já dizia eloqüentemente santo Agostinho (*Sermão* 25): “Maria é parte da Igreja, um membro santo, um membro excelente, um membro supereminente, mas um membro da totalidade do corpo”. Com muita propriedade, grandes teólogos chamaram Maria de “Igreja nascente” (U. von Balthasar, J. Ratzinger). O caminho

da fé de Maria, a partir da anunciação, é já o “caminho da Igreja” em si mesma. Esse caminho da Igreja conflui com o caminho da fé dos discípulos de Jesus no momento de Pentecostes. Não temos notícia de uma confluência prévia durante a vida pública de Jesus, a não ser no momento inicial das bodas de Caná. A encíclica de João Paulo II presta atenção especial na encruzilhada de caminhos, que ocorre no cenáculo de Pentecostes.

Maria havia levado à plenitude seu abandono e sua atividade de fé no acontecimento da cruz. Ali ela havia recebido de seu filho a encomenda de uma maternidade — exemplo de fé com relação a todos os seus discípulos (J.C.R.G. Paredes. Maria, a “perfeita” seguidora de Jesus. Vocação e discipulado. In *Maria na vida religiosa. Compromisso e fidelidade*. Madri, Publica-

Pentecostes ou a encruzilhada de caminhos

O caminho da fé de Maria conflui historicamente com o caminho da fé da Igreja no dia de Pentecostes. O caminho da fé de Maria havia sido, de certo modo, mais longo: “O Espírito Santo já tinha decidido sobre ela... acolhendo o Verbo



ções Claretianas, 1986). O Novo Testamento não menciona aparição alguma do Ressuscitado a Maria. Dá a impressão de que a missão de Maria de ser mãe do discípulo se origina na própria Sexta-Feira Santa. Por outro lado, o caminho dos discípulos fora diferente. Eles haviam sido chamados por Jesus desde o início de sua missão em Israel. “Onze deles tinham sido constituídos apóstolos e a eles Jesus havia transmitido a missão que ele mesmo recebera do Pai. Quarenta dias mais tarde, antes de voltar ao Pai, ele acrescentara: quando ‘o Espírito Santo vier sobre vocês... todos serão minhas testemunhas... até os confins da Terra’. Essa missão dos apóstolos começa no momento de sua saída do cenáculo de Jerusalém. A Igreja nasce e cresce então por meio do testemunho que Pedro e os demais apóstolos dão de Cristo crucificado e ressuscitado” (RM, 26).

O papa João Paulo II sublinha que, segundo dados evangélicos, Maria não estava quando os Onze ou Doze receberam a *missão apostólica* (João 20, 21; Atos dos Apóstolos 1, 8). “Maria não recebeu diretamente essa missão apostólica. Ela não se encontrava entre os que Jesus enviou ‘pelo mundo, para ensinar a todos os povos’ (Mateus 28, 19), quando lhes confiou essa mis-

são” (RM, 26). Será que isto quer dizer que a “mulher Maria” não recebeu o ministério apostólico? Ou que sua função de mulher e mãe é diferente da função própria do ministério ordenado?

De qualquer forma, na espera de Pentecostes, no cenáculo, o caminho de Maria coincide com o caminho dos apóstolos, que se preparavam para assumir a missão de Jesus com a força do Espírito Santo que lhes havia sido prometido. Eles, as mulheres, os irmãos de Jesus e Maria “perseveravam na oração” (Atos dos Apóstolos 1, 13-14). Em meio a essa assembléia da Igreja, coube a Maria a função de ser “testemunha de Jesus” a partir de sua condição de “mãe”: “uma testemunha singular do mistério de Jesus, daquele que, diante de seus olhos, se havia manifestado e confirmado com a cruz e a ressurreição” (RM, 26). “Ela foi, para a Igreja de então e de sempre, uma testemunha singular dos anos da infância de Jesus e de sua vida oculta em Nazaré, quando ‘conservava cuidadosamente todas as coisas em seu coração!’” (RM, 26). O testemunho de Maria dentro da comunidade dos “irmãos” avaliava sua fé na encarnação do filho de Deus. “A Igreja, desde o primeiro momento, ‘contemplou’ Maria através de Jesus, como ‘olhou’ Je-

sus através de Maria” (RM, 26). Maria era para os primeiros fiéis a grande oportunidade de conhecer mais intimamente a Jesus. Ela, por si só, era todo um Evangelho vivo. Maria era um acesso privilegiado a Jesus. Por seus olhos havia passado toda a sua história. Seus ouvidos haviam ouvido todas as suas palavras. Nenhum ser humano o havia tido mais perto de seu corpo. Se toda a sua capacidade de maternidade já se havia esgotado em seu “filho único Jesus”, Maria era uma palavra permanente sobre Jesus.

A fé de Maria “precede” o testemunho apostólico

“Maria foi a primeira a crer” (RM, 26). Como vimos no tema anterior, toda a sua vida foi um projeto e um caminho de fé. Na cruz, a fé de Maria é um “esperar contra toda esperança”. A promessa começou a transformar-se em realidade quando Jesus foi ressuscitado pelo Pai. Quando cada um dos discípulos foi reconhecendo Jesus como o Messias, como o Filho de Deus, quando os discípulos encararam Jesus como o Cristo, então germina o “Novo Israel”, começa a Igreja, a comunidade dos fiéis a Deus. A fé em Jesus Cristo define o ser da Igreja. A fé íntegra em Jesus destaca a contemplação daquela que está indissolivelmente unida a seu mistério: Maria, “a intimamente associada à obra da redenção”. A heróica fé de Maria “precedeu” o testemunho dos apóstolos (RM, 27).

“A Igreja é filha da palavra, lar da palavra, servidora da palavra. Deve ouvi-la, compartilhá-la e oferecê-la. A identidade mais profunda da Igreja é a evangelização, isto é, fazer com que a palavra acolhida na fé por seus filhos se converta em chamado e convite a todos os homens. A Igreja está a serviço da missão recebida de Jesus; e, para levar a cabo essa missão, ela é ungida pelo Espírito Santo” (R. Blazquez. A mulher consagrada: Maria, Espíri-

to Santo e palavra de Deus. In *Maria na vida religiosa. Compromisso e fidelidade*. Madri, Publicações Claretianas, 1986). Entre Maria e a Igreja existe um evidente paralelismo. Maria é uma parte da Igreja, mas não é toda a Igreja, como dizia santo Agostinho. Maria é, na Igreja, o paradigma da fé que obedece à palavra; mas Pedro, que fala em nome dos doze, é o paradigma da fé proclamada. “Pedro e os outros apóstolos representam a crença da Igreja para conservar e proclamar de maneira autorizada a palavra. Maria representa a acolhida dócil e pessoal dessa palavra... Maria é o sinal de poder ‘carismático’ da fé, e Pedro, da autoridade institucional da missão que guarda e transmite a palavra. Em Maria a Igreja contempla sua ‘alma eclesial’, seu ‘eu fiel’; em Pedro, a promessa irrevogável de Jesus de nos confirmar na fé. A Maria foi dito: ‘Feliz é você porque acreditou’; a Pedro foi dito: ‘Tenho rezado por você, para que sua fé não esmoreça. E você, quando voltar, confirme a seus irmãos’ (Lucas 22, 32). Maria é o lado interior da palavra” (Id. *ibid.*).

Assim se explica por que “todos aqueles que, ao longo das gerações, aceitando o testemunho apostólico da Igreja, participam da fé de Maria” (RM, 27). Muitos fiéis, por isso, “encontram na fé de Maria o sustento para a própria fé” (RM, 27).

Pentecostes, mistério permanente na Igreja

Pentecostes não é somente um fato histórico. É um mistério permanente na Igreja. Até hoje. E, como antigamente, também hoje Maria está presente nele. A presença de Maria não se deduz de colocações teóricas ou dogmáticas. É uma presença *experimentada e testemunhada* por muitos fiéis a Deus. É uma presença *carismática, eficaz, entranhada*, que põe a Igreja hoje numa maravilhosa conexão com a Igreja

apostólica. A presença de Maria, diz a encíclica, “encontra múltiplos meios de expressão em nossos dias, assim como ao longo da história da Igreja” (RM, 28). São inúmeros os fiéis que, em sua fé e piedade, experimentaram a presença de Maria. A maioria dos institutos religiosos, comunidades carismáticas e famílias reconhecem, rememoram e revivem Maria presente em suas origens, em sua vida, em seus momentos cruciais. Não poucas igrejas particulares invocam Maria sob uma invocação específica e contam com algumas experiências carismáticas da presença dela em suas origens. O mesmo podemos dizer de nações inteiras e mesmo de continentes. Essa é a mensagem da Palestina, de Roma, de Guadalupe, de Lourdes, de Fátima, de Jasna Gora. A geografia mariana dos santuários é testemunha dessa presença misteriosa de Maria na Igreja, em seu permanente pentecostes.

Maria não é, para a Igreja, uma mera recordação, uma evocação do passado. É, acima de tudo, uma presença. A Igreja (e isto é algo muito misterioso!) sentiu inclusive, contrariamente às boas razões, que a morte não separou Maria de nós; que aquela a quem Jesus crucificado proclamou “mãe” de seus discípulos “não nos deixou órfãos”; que aquela que deu a vida a Jesus foi devolvida à vida, ressuscitada pelo poder do Ressuscitado. Em Maria todo seu ser ficou vivificado; porque Deus ressuscita todo aquele que tem germes de graça; em Maria não houve pecado; todo seu ser foi instrumento de amor, sua alma e seu corpo; em Maria não havia desperdício. Ela teve de ser ressuscitada totalmente! E foi totalmente recuperada! E, quando alguém chega à sua plenitude no Deus-onipresente, essa pessoa não se perde, não se afasta, mas se recupera, se aproxima, vive vivificando: “vai e fica”. Maria “foi e ficou” por inteiro, corpo e alma. E, desde então, seu corpo-alma configura o corpo de Cristo, que é a Igreja. Em Maria, depois de Jesus, ressuscitou a inocência, a pureza. Em

Maria de Nazaré, a nova Eva, havia apenas germes de vida; ela germinou por completo na primeira colheita de ressurreição.

O corpo e a alma de Maria receberam a consagração total do Espírito, que é comunhão-amor. No Espírito, Maria é um coração que não deixa de amar. O amor a aproxima de nós; o Espírito permite-lhe fazer-se presente no mais fundo de nossa alma. E, em sua misteriosa aproximação, Maria é “portadora de aromas” (João 12, 3); pela ressurreição, a identificação com seu filho Jesus chegou à sua plenitude; a proximidade de Maria, muito mais do que durante sua vida histórica, nos evoca Jesus; ela não interfere: é pura transmissão. Por isso, a presença de Maria não atrapalha a comunicação com Deus; sua presença é sempre discreta, silenciosa, transparente. Nela se nos revela um mistério: que Deus não quis aproximar-se dos homens sem os homens.

No Pentecostes permanente da Igreja está Maria, a fiel a Deus. “Na base daquilo que a Igreja é desde o começo, daquilo que deve ser constantemente, através das gerações, em meio a todas as nações da Terra, encontra-se a que ‘acreditou que se cumpriram as coisas que lhe foram ditas pelo Senhor’” (RM, 27). “Nesse tempo de espera, Maria, por meio da mesma fé que a fez bem-aventurada, especialmente desde o momento da anunciação, está presente na missão e na obra da Igreja que introduz no mundo o Reino de seu Filho.

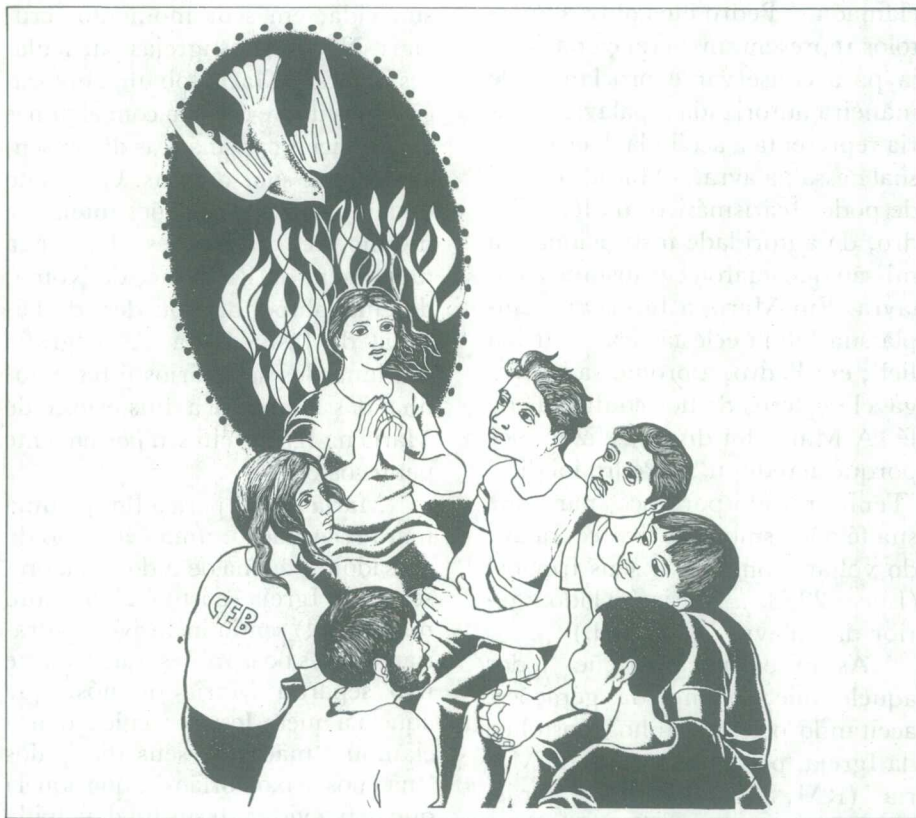
É importante ressaltar que, segundo a encíclica, Maria está presente na Igreja sobretudo como “a que acreditou” e aquela que é proclamada bem-aventurada por sua fé (RM, 25). A fé de Maria é fé-germe, que germinou nas admiráveis expressões históricas da fé da Igreja. A presença de Maria é sempre *fundamento* de fé, referência indiscutível para o testemunho único de toda a existência de Jesus. ■

Tradução:
Suely Mendes Brazão

O mistério da Santíssima Trindade

Leonardo Boff, ofm

O dogma católico do Deus Uno e Trino nos mostra que a verdadeira vida — dom de Deus — só existe na comunhão com nossos semelhantes e com Deus. Extraímos estes três momentos de reflexão de A Folha, publicação litúrgica da diocese de Nova Iguaçu (RJ), nos quais frei Leonardo expõe numa linguagem simples o grande mistério de nossa fé cristã: o mistério da Santíssima Trindade.



Da solidão do Um à comunhão dos Três

Como é o Deus de nossa fé? Muitos cristãos imaginam Deus como um Ser infinito, onipotente, criador do céu e da terra, vivendo sozinho no céu e tendo aos seus pés toda a sua criação. É um Deus bondoso mas solitário. Outros o pensam como um Pai misericordioso ou um Juiz severo. Mas sempre pensam que Deus é somente um Ser supremo, único, sem possíveis concorrentes, no esplendor de sua própria glória. Poderá estar com os santos, as santas e anjos no céu. Mas todos estes são criaturas; por mais grandiosas que sejam, não deixam de ter saí-

do das mãos de Deus; elas são, portanto, inferiores, apenas semelhantes a Deus. Mas Deus está fundamentalmente só, porque há somente um Deus. Esta é a fé do Antigo Testamento, dos judeus, dos muçulmanos e comumente dos cristãos.

A fé cristã não nega a afirmação: só existe um Deus. Mas compreende de forma diferente a unidade de Deus. Pela revelação do Novo Testamento, o que de fato existe é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Deus é Trindade. Deus é a comunhão dos divinos Três. O Pai, o Filho e o Espírito Santo se amam de tal forma, estão interpenetrados entre si de tal maneira, que estão sempre unidos.

O que existe é a união das três divinas Pessoas. A união é tão profunda e radical que são um só Deus. É semelhante a três fontes que constituem o mesmo e único lago. Cada fonte corre na direção da outra; ela entrega toda a sua água para formar um só lago. É parecido com os três focos de uma lâmpada, constituindo uma única luz.

Precisamos passar da solidão do Um à comunhão dos divinos Três, Pai, Filho e Espírito Santo. No início está a comunhão entre vários, a riqueza da diversidade, a união como expressão da entrega e doação de uma Pessoa divina à outra.

Se Deus significa três Pessoas divinas em eterna comunhão entre si,

então devemos concluir que nós também, seus filhos e filhas, somos chamados à comunhão. Somos imagem e semelhança da Trindade. Em razão disso, somos seres comunitários. A solidão é o inferno. Ninguém é uma ilha. Estamos cercados de pessoas, coisas e seres por todos os lados. Por causa da SS^m. Trindade, somos convidados a manter relações de comunhão com todos, dando e recebendo e juntos construindo uma convivência rica, aberta, respeitadora das diferenças e benéfica para todos.

É perigoso dizer: um só Deus no céu e um só chefe na terra

Ficar somente na fé em um só Deus, sem pensar na SS^m. Trindade como a união do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é perigoso para a política, a educação e para a Igreja. Ao contrário, dizer que Deus é sempre a comunhão das três divinas Pessoas permite incentivar a colaboração, o bom relacionamento e a união entre os vários membros de uma família, de uma comunidade e de uma igreja. Vejamos os perigos de um monoteísmo (afirmação de um só Deus) rígido, fora da compreensão trinitária. Ele pode gerar e justificar o totalitarismo político, o autoritarismo religioso, o paternalismo social e o machismo familiar.

1. O totalitarismo político

Houve gente que outrora dizia: como existe um só Deus no céu, deve existir também um só chefe na terra. Assim surgiram reis, líderes e chefes políticos que dominavam sozinhos seus povos, com a alegação de que imitavam Deus no céu. Deus sozinho governa e dirige o mundo, sem dar explicações a ninguém. O totalitarismo político criou, de um lado, a prepotência, e, de outro, o submetimento. Os ditadores pretendem saber sozinhos o que é melhor para o povo. Só eles querem exercer sozinhos a liberdade. Todos os demais devem acatar suas ordens e obedecer. O Brasil é herdeiro de

uma compreensão assim do poder. Ela foi introjetada na cabeça do povo. Por isso é difícil aceitar a democracia, na qual todos exercem a liberdade e todos são filhos de Deus.

2. O autoritarismo religioso

Há também aqueles que dizem: como há um só Deus, existe um só Cristo, assim deve existir uma só religião e um só chefe religioso. Conforme esta compreensão, a comunidade religiosa é organizada ao redor de um só centro de poder: ele sabe tudo, ele fala tudo, ele faz tudo; todos os demais são simples fiéis, que devem aderir ao que o chefe determina. Os evangelhos, por exemplo, não pensam assim: há sempre a comunidade e, dentro dela, os coordenadores para animar a todos.

3. O paternalismo e o machismo

Alguns imaginam Deus como um grande Pai. Ele providencia tudo e detém só para si todo o poder. Os grandes senhores deste mundo dominam, apelando para o nome do Deus patrão, na sociedade e na família. Esquecem-se que Deus tem um Filho e convive com o Espírito Santo em igualdade perfeita. Deus Pai não substitui os esforços dos filhos e filhas. Ele nos convida à colaboração. Só a fé num Deus-comunidade e comunhão ajuda a criar uma convivência fraterna.

Uma experiência desintegrada da SS^m. Trindade

Pai, Filho e Espírito Santo sempre estão juntos: criam juntos, salvam juntos e juntos nos introduzem em sua comunhão de vida e de amor. Nada, na SS^m. Trindade, é realizado sem a comunhão das três Pessoas. Na piedade de muitos fiéis, há uma desintegração da vivência do Deus trino. Alguns só ficam com o Pai, outros só com o Filho e, por fim, aqueles outros só com o Espírito Santo. Surgem assim desvios no nosso encontro com Deus, que prejudicam a própria comunidade.

1. A religião só do Pai: patriarcalismo

A figura do Pai é central na família e na sociedade tradicional. Ele dirige, decide e sabe. Assim, alguns representam Deus como um Pai todo-poderoso, juiz da vida e da morte dos filhos e filhas. Todos dependem dele, e por isso, são considerados menores. Esta compreensão pode levar a que os cristãos se sintam resignados em sua miséria e alimentem um espírito de submissão aos chefes, sem qualquer criatividade. Deus é sim Pai, mas Pai do Filho que, junto com o Espírito Santo, vive em comunhão e igualdade.

2. A religião só do Filho: vanguardismo

Outros só ficam com a figura do Filho Jesus Cristo. Ele é o “companheiro”, o “mestre” e o “nosso chefe”. Especialmente entre os jovens e nos Cursilhos de Cristandade, se desenvolveu uma imagem entusiástica e jovem de Cristo, irmão de todos e líder inflamado dos homens. É um Jesus com apenas relações para os lados, sem uma dimensão vertical, em direção ao Pai. Esta religião cria cristãos vanguardistas, que perdem contato com o povo e a caminhada das comunidades.

3. A religião do Espírito Santo: espiritualismo

Há setores cristãos que se concentram somente na figura do Espírito Santo. Cultivam o espírito de oração, falam em línguas; impõem as mãos e dão vazão às suas emoções interiores e pessoais. Esses cristãos esquecem que o Espírito é sempre o Espírito do Filho, enviado pelo Pai para continuar a obra de Jesus. Não basta a relação interior (Espírito Santo) nem somente para os lados (Filho) nem só a vertical (Pai). Importa integrar os três. Que seria de nós, se não tivéssemos um Pai que nos aconchegasse? Que seria de nós, se esse Pai não nos desse seu Filho para fazer-nos também filhos? Que seria de nós, se não tivéssemos recebido o Espírito Santo, enviado pelo Pai a pedido do Filho, para completar a nossa salvação? Vivamos a fé completa! ■

Somos povo latino-americano. Maria é mãe deste povo

Em recente passagem por São Paulo, D. Pedro Casaldáliga, cmf, bispo de São Félix do Araguaia (MT), sempre atencioso e carinhoso com os leitores da Ave Maria, entrevistado pela revista, falou dos 500 anos de evangelização na América Latina, da fé e do testemunho cristão no contexto sócio-econômico e político da América Latina, da Constituinte e dos constituintes, da corrupção generalizada e do envolvimento das cúpulas governamentais, da campanha da fraternidade e do ano mariano. Esta entrevista foi concedida ao diretor da revista, Cláudio Gregianin, cmf, para este número comemorativo dos 90 anos.

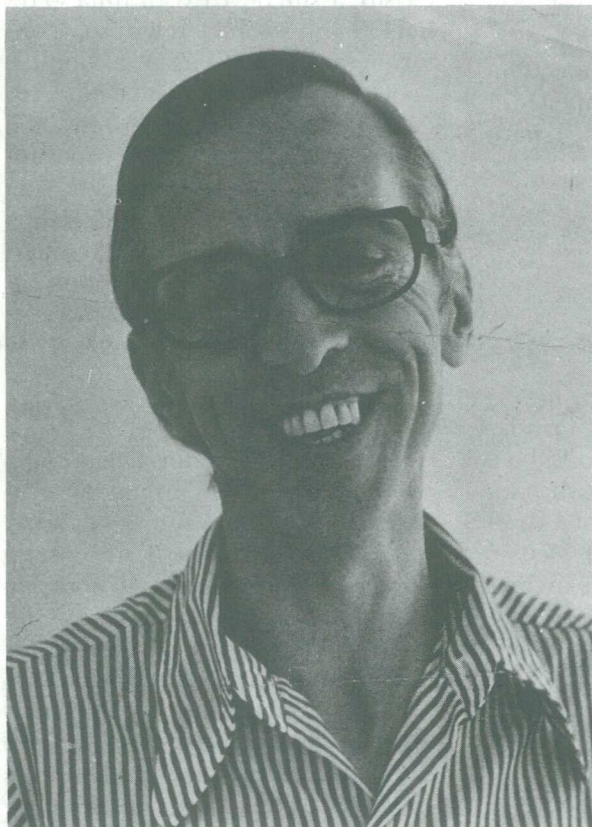


FOTO: ANTONIO CARLOS MOURA

D. Pedro Casaldáliga

AM — Pedro, como o senhor vê a preparação para os 500 anos de evangelização na América Latina? Como os cristãos devem se preparar para esta data?

D. Pedro — É uma grande oportunidade histórica, uma grande chance cristã para revermos, com atitude inclusive penitencial, o que de fato houve no chamado descobrimento, aquela conquista massacradora de violência e pecado. Então é oportunidade para uma atitude penitencial em primeiro lugar. Não podemos ignorar a história, devemos revê-la para corrigir o presente e o futuro. Simultaneamente, é ocasião para uma celebração de ação de graças. Bem ou mal, ambigualmente, o evangelho che-

gou à Ameríndia, o Continente Americano. E a partir desta atitude penitencial e desta celebração de ação de graças, retomar a nova evangelização que o próprio papa João Paulo II pede com novo entusiasmo, com atitude nova, mais inculturada, permitindo que a Igreja latino-americana seja ela mesma na sua liturgia, na sua pastoral, na sua teologia. É o único modo de realmente a Igreja ser encarnada em cada cultura. Nós não professamos a fé no Verbo Encarnado?

AM — De que modo inculturar-se e sentir-se Igreja latino-americana?

D. Pedro — Devemos nos informar melhor para ver o que foi o descobrimento, a conquista, a evangelização. Conhe-

cer as tristes figuras, conhecer as grandes figuras, conhecer aqueles povos primeiros ontem-hoje, o que é, e o que são, conhecer também seus grandes profetas, seus grandes mártires como Bartolomeu de Las Casas e nos sentirmos um pouco mais latino-americanos, peço sobretudo ao Brasil, porque é muito grande e porque fala português, com frequência esquece os outros irmãos menores, os outros povos latino-americanos. Temos que recuperar também uma consciência mais ameríndia, mais indigenista, pois as nossas primeiras raízes são indígenas. Os 500 anos foram uma boa oportunidade para voltarmos às fontes indígenas e para voltarmos às fontes do Evangelho. Publicações, filmes, audiovisuais, cantos, celebrações, vigílias, tudo é indispensável para que os povos todos da América Latina recuperem sua memória histórica e celebrem digna e comprometidamente estes 500 anos.

AM — *Quer dizer que a fé cristã tem de ir para além das fronteiras geográficas e políticas, e a consciência de que somos irmãos, para além destas fronteiras e termos um compromisso em toda a América Latina.*

D. Pedro — A fé é supra-fronteiras, supra-nacional e até supra-cultural. Na verdade nos vangloriamos de sermos ca-

tólicos e católico significa universal, e então sejamos. Nós, os latino-americanos, devemos ter a consciência de que a América Latina hoje ou se salva como continente e como continente se une ou se tomará subjugada. Temos as mesmas raízes, os mesmos problemas, os mesmos inimigos também e, penso eu, temos o mesmo futuro. Esta Pátria grande deveríamos fazê-la realmente nossa, os cristãos, pela força da terra, pelo fervor do sangue e a luz da fé, simultaneamente.

AM — *Dentro do momento histórico nacional, como o senhor vê o andamento da constituinte e o comportamento dos nossos representantes? O povo sabe que existem interesses de grupos políticos, que existem interesses particulares; em contrapartida, existem também propostas populares de muita esperança. Como bispo da Igreja, membro da CNBB, como Pastor de uma comunidade, como o senhor vê isso?*

D. Pedro — Sempre temos de ser profetas e sem precisar ter muita visão política. Sempre achei que os nossos constituintes, no seu conjunto, na sua imensa maioria, não representavam os reais interesses do povo. Eu lançava o nome de uns 40 talvez, outros pensavam uns 60. O processo da Constituinte confir-

mou esse conceito pessimista. Esta está sendo a constituinte dos conchavos, a constituinte das faltas de coro, a constituinte e a constituição se arrastando e se prevê que acabaremos de ter uma constituição ambígua, retalhada, de jeito nenhum a constituição do futuro, a constituição que o povo brasileiro precisava e esperava. Infelizmente os constituintes representam os interesses econômicos dos grandes, seja dos bancos, seja dos latifúndios, seja da indústria. Muitos deles são políticos profissionais, politiqueros. As eleições foram muito relativamente livres, não se pode dizer que foram eleitos simplesmente. Como se elegeram os nossos políticos? Quem tem hoje condições financeiras de ser eleito? Se empregaram milhares de cruzados, muitos materiais se gastaram para estas eleições.

AM — *Na sua opinião, são muitos os constituintes comprometidos com as causas e necessidades populares?*

D. Pedro — Infelizmente é a minoria a mais consciente e a mais comprometida com o povo e com as exigências verdadeiramente populares; com respeito à propriedade privada; com respeito à problemática da terra; os direitos trabalhistas; o salário verdadeiramente real; a causa indígena; a independência do Brasil frente ao FMI; ao processo todo inteiro de educação.

AM — *E a preocupação da Igreja com a corrupção do governo?*

D. Pedro — É uma preocupação tipicamente da Igreja que zela pela honestidade, pelos direitos de todos os cidadãos, pelo respeito à família também. Então, dum triste constituinte terá que sair uma triste constituição, esta é a verdade. Já expliquei inclusive estes últimos atritos da própria Igreja, concretamente da CNBB, em certos momentos com os constituintes, ou com a própria presidência da república. A CNBB organizou, simplesmente cumprindo o seu dever, uma montagem de acompanhamento e de observação e de informação, com respeito à constituição.



FOTO: MECENAS M. SALLES

AM — *A corrupção é uma questão moral séria e delicada...*

D. Pedro — Pois é, é a partir dos fatos, acompanhando o processo da constituinte, que se percebe que chegaram ao ponto alto de ter que negociar a inveterada corrupção oficial deste país; o conviver, que vem de cima, das mais altas autoridades e encarecendo acobertar até mesmo de público.

AM — *Concretamente o senhor pode explicar?*

D. Pedro — Posso citar a Caixa Econômica Federal, que aprovou para São Félix do Araguaia 30 milhões de cruzados. O fazendeiro da região nos contou há pouco tempo que recebeu um telefonema do ministro das comunicações lhe oferecendo uma estação de rádio para a fazenda do interior do Mato Grosso, com a condição que este fazendeiro no seu próprio estado se pronunciasse a favor dos 5 anos de mandato do presidente. Os constituintes representativos têm chegado a dizer, profanando a oração de São Francisco: é dando que se recebe.

AM — *E a Campanha da Fraternidade deste ano: a fraternidade e o negro. Houve críticas. O senhor acha oportuna?*

D. Pedro — A Igreja na América Latina a partir do Vaticano II, sobretudo a partir do nosso Concílio Latino-Americano de Medellín, aliás estamos celebrando os 20 anos — espero que a *Ave Maria* dê grande espaço para esta celebração — a Igreja fez opção pelos pobres e Puebla confirmou. Puebla inclusive especificou os rostos destes pobres, que é um rosto forte. Se fala entre 45 e até 50 milhões de negros no Brasil. Chegou a hora oportuna, por ocasião do centenário de tão ambígua libertação, emancipação. É um momento oportuno de dedicar a Campanha da Fraternidade a este irmão pobre marginalizado que é o negro. Os seus direitos, a sua cultura, a sua caminhada de libertação. É interessante sublinhar que tem sido sem dúvida esta Campanha da Fraternidade a que tem trazido mais atrito inclusive no interior da

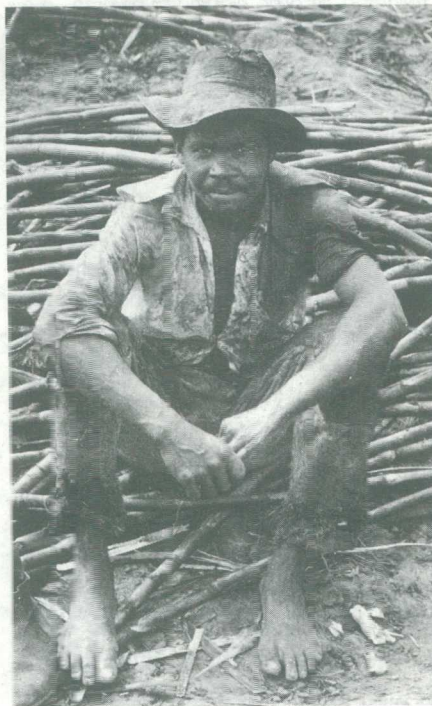


FOTO: MECENAS M. SALLES

própria Igreja. O que demonstra que a causa negra é causa marginalizada mesmo, mal compreendida e, por isso, urgentíssima. Oportunidade providencial então da Campanha da Fraternidade sobre o negro neste ano de 88. Eu espero que a partir daí a Igreja do Brasil, o povo brasileiro em geral, tome consciência desta causa negra, e nos esforcemos todos a abrir um espaço da Igreja e do Brasil a esta raça secularmente oprimida, escravizada que tanta cultura, tanto sangue tanta vida vem dando ao Brasil, ao continente latino-americano, à África mãe.

AM — *Estamos no meio do ano mariano. Um as palavras aos leitores da Ave Maria sobre o ano mariano.*

D. Pedro — Estamos preparando precisamente um audiovisual sobre a Morena de Guadalupe, Maria da Pátria Grande. Acho que o Ano Mariano é uma bellissima oportunidade para que a devoção mariana seja potenciada, purificando-a, comprometendo-a, explico: o nosso povo latino-americano, podemos dizer, o povo berico de onde nos vêm nossas raízes, é bravamente mariano. Esta devoção mariana veio também com certas amigüidades próprias da época,

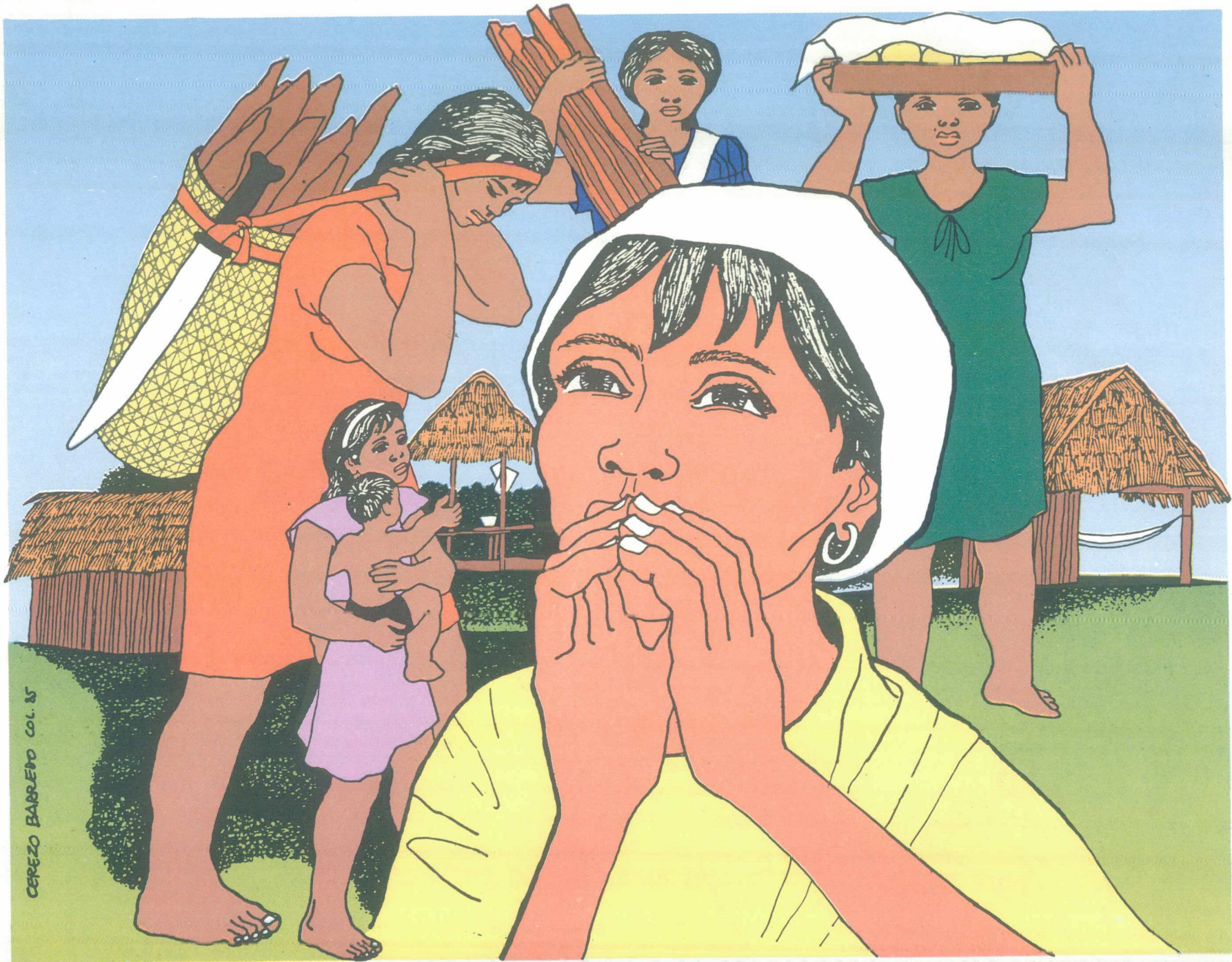
uma teologia nem sempre lúcida, às vezes, e inclusive, com interesses publicitários. Vamos ser honestos, nossos santuários, até nossas publicações, as nossas congregações religiosas, quem sabe? É uma oportunidade então, agora, sobretudo a partir do Vaticano II, e nos foi pedido assim: estudar os grandes documentos de Nossa Senhora, a última encíclica do próprio papa João Paulo II sobre o culto mariano. Uma ocasião oportuna de purificar este culto, esta devoção, colocando Nossa Senhora em seu primeiro lugar, o que mais podemos pedir. O que ela é? Ela é a pequena, pobre, comadre de Nazaré, mulher do povo. Uma pobre de um povo oprimido, colonizado. Mas como também do povo de Israel, o povo da promessa, o povo da herança. Ela ama este povo oprimido, marginalizado, mas povo da promessa, da promessa e da herança. Ela é aquela que acreditou. Talvez este seria o título que melhor sintetizasse em toda a Mariologia aquela que acreditou mesmo, Nossa Senhora da fé, a Virgem fiel. Certamente ela é a mãe de Jesus. Este título inclusive a Igreja Oriental fez questão de gravá-lo na testa de Maria, a Mãe de Deus, a Mãe de Deus-Jesus, a Mãe de Jesus. E finalmente a melhor cristã, a primeira da caminhada.

AM — *Como é a devoção mariana em sua diocese?*

D. Pedro — Em algumas igrejinhas nossas da prelazia de São Félix do Araguaia, tentamos sintetizar este título, Mãe de Deus, com estas três frases: Comadre de Nazaré, Mãe de Jesus, Companheira da caminhada. Praticamente seria, penso, a Mariologia pronta e até purificada e comprometedoramente companheira dos pobres, com os oprimidos, com os colonizados. Ela nos lança à libertação, ela é a Mãe de Jesus, nos compromete no seguimento de seu Filho, Jesus Cristo, uma espiritualidade cristã autêntica, aquela que acreditou, nos compromete a uma vivência de fé, sincera, explícita, evangelizadora. Ela é a primeira, a melhor companheira na caminhada, a primeira cristã, a mais eclesial e comprometida a viver uma vida eclesial comunitária em profundidade. ■



CEREZO BARRERO COL. IN



CEREZO BARRERO COL. '85

“Como a uma mulher
 abandonada”,
 falou Deus a seu povo:
 — Nada temas, não serás desapontada.
 Não te sintas perturbada,
 não terás do que te envergonhar.
 Irrompe em cânticos de júbilo:
 Eu te amo com carinho eterno
 e tua descendência povoará
 cidades novas onde haverá justiça.

E assim cantou Maria
 sua experiência de Deus:
 — Proclamo a grandeza do Senhor
 e me alegro em Deus meu Salvador,
 porque olhou para a humildade de
 sua serva.
 — O que vemos hoje em nossos
 povos?

“VIU
 A CONDIÇÃO
 HUMILDE DE
 SUA SERVA”

Lucas 1,47

(Is 54,4-17; Lc 1,46-55)

JULHO 1988

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

*Colocou-se nas mãos de Deus
a serva humilde
e foi a "plenamente amada"...
Depois que mataram seu Filho
o crucificado ressuscitou
e nele fomos libertados
da escravidão e da morte*

*do egoísmo, para viver no amor.
Como filhos nas mãos do Pai.
Como flores ao vento do Espírito.
Se acreditamos no Amor,
que poderá nos deter?...*

(Gl 4,1-7; Rm 8,31-39; 8,1-17)

**"AVE MARIA,
CHEIA DE GRAÇA,
O SENHOR
ESTÁ CONTIGO"**

Lucas 1,28

JUNHO 1988

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
28	29	30	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

MARIA DA LIBERTAÇÃO

Pe. Isidoro De Nadai, cmf

Domingo de manhã, após a missa na favela, experimentei a grande alegria de ver nascendo o pequeno barraco, onde irá morar Dona Inácia, com sua filha. É um simples cômodo, orçado em aproximadamente Cz\$ 3.000!

É algo de inimaginável para quem vive em outras paragens, mas o fato é que Dona Inácia irá poupar para seu alimento o mísero dinheirinho do Funrural, que até agora ia inteiro para o pagamento do aluguel do tugúrio em que se comprime, com a filha, na favela Vila União da Ressaca.

O barraco vai custar Cz\$ 3.000, mas vale infinitamente mais!

Vale a beleza da luta da pobre viúva para encontrar, depois de longa procura, o terreninho onde construir o minúsculo barraco, pois não há, disponível, nos domínios da favela, um cantinho sequer.

Vale a dedicação admirável dos nossos irmãos da comunidade, dos vicentinos e do pessoal da associação dos moradores da Vila — Amba-vipe — que se dispuseram a consumir o domingo no mutirão, para pôr de pé as paredes do barraco.

Vale a atenção do meu irmão Lúcio Flávio, que conseguiu o dinheiro com que pudemos sonhar com o barraco para nossa irmã e com outras pequenas melhorias para a nossa Vila.

Eu sei que meu entusiasmo será desproporcionado e quase risível, mas não consigo deixar de exprimir



nossa alegria ao ver a alegria encontrada de Dona Inácia, que me faz lembrar a viúva de Sarepta, visitada por Deus, através do profeta Elias, e experimentar a certeza de que Ele atende sempre aos seus pequeninos e que fez a opção preferencial por eles.

Fiquei pensando que, materialmente, não foi muito mais do que isso que Maria fez, quando, logo após a Anunciação, foi apressada e modestamente às montanhas, para dar assistência à sua prima Isabel.

Pensei que Dona Inácia, vinda de nosso interior de Minas, trazendo a profundidade das convicções e dos sentimentos católicos, está sendo visitada pela humilde Virgem dos Caminhos, a Senhora da Libertação.

Vejo-a cantando os louvores do Senhor e a intercessão daquela sobre a qual diz o papa Paulo VI: "Maria de Nazaré, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é o vingador dos humildes e dos oprimidos e que derruba dos seus tronos os poderosos do mundo. É a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor, uma mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio.

A figura de Maria não desilude as aspirações profundas dos homens de nosso tempo, mas lhes oferece o modelo perfeito do discípulo do Senhor: construtor da cidade terrena e temporal, e, simultaneamente, peregrino desperto em direção à cidade celeste e eterna, promotor da justiça que liberta o oprimido e da caridade que socorre o necessitado, mas sobretudo testemunha operosa do amor, que edifica Cristo nos corações" (O Culto à Virgem Maria. n.º 37).

No empenho da libertação, quando fazemos a experiência amarga da lentidão dos processos e da persistência das opressões, ao invés de desanimar, rezemos com Maria: "Senhor, manifesta o poder do teu braço; dissipa os soberbos de coração; derruba os poderosos de seus tronos; eleva os humildes; enche de bens os famintos e despacha os ricos de mãos vazias!" ■

Preciso de AJUDA!

Myrian Vallias de O. Lima

A *Ave Maria* faz aniversário. 90 anos! É um longo tempo para uma revista. Principalmente se considerarmos todos os problemas que teve de superar... Duas guerras mundiais. Várias crises econômicas e políticas. A modernização tecnológica... Sim, é um longo tempo para uma revista que só continua existindo porque vocês a acolhem com carinho.

Se não há a interação órgão de divulgação-leitores, este não sobrevive. Assinando. Lendo. Criticando. Dando sugestões. Assim é que é alimentada, por vocês, a *Ave Maria*. Que só continua existindo porque pessoas como as da equipe *Ave Maria*: diretor, redatores, revisores, operadores, diagramadores, gráficos e outros se preocupam em aprimorá-la, em torná-la um veículo de comunicação cada vez mais atento às necessidades da comunidade.

É aniversário de nossa revista. Para comemorá-lo fiquei em dúvida sobre o que escrever na seção "Meu lar, minha alegria": "O que os leitores gostariam de ler numa festividade como esta?"

Há mais de um ano, tenho compartilhado com vocês minhas vivências (sou psicóloga), de mãe de família e, principalmente, de cristã. Já abordei o problema dos jovens, dos estudantes; refleti sobre o nascer e o morrer, sobre como viver nesse tempo de crise; dei sugestões acerca do Natal; conversei com os pais; expus para vocês meu conflito na noite de Ano-Novo (sim X não).



— O que escrever?

Decidi colocar-lhes o meu dilema e pedir-lhes ajuda.

— O que escrever?

Como me comunicar de maneira proveitosa com as pessoas que procuram esta seção?

Estas perguntas me acometem a cada mês, durante vários dias, até que, decidido o tema (— Acho que isto os interessará...), pondo-me a escrever. Mas a dúvida muitas vezes persiste ("Será que...").

E se vocês, leitores, me ajudassem? Mandassem sugestões. Isto orientaria a minha tarefa, a facilitar.

Escrevam para a *Ave Maria*. Coloquem o nome da seção: "Meu lar, minha alegria". As críticas também serão bem recebidas. Só assim, quem sabe, comemoraremos o centenário juntos: a revista *Ave Maria* tenho certeza de que o comemorará...

— PRECISO DE AJUDA! ■

JANTAR SIMPLES

ENTRADA: Sopa de caldo verde

Rendimento: 2 a 3 porções

Ingredientes:

1/2 litro de caldo de carne
200 gramas de batatas
300 gramas de couve-manteiga

1. Prepare 1/2 litro de caldo de carne e cozinhe nele 200 gramas de batatas.
2. Quando estiverem cozidas, passe por espremedor e junte novamente ao caldo.
3. Deixe no fogo até engrossar.
4. Quando estiver quase pronto, junte 300 gramas de couve-manteiga, cortada o mais fino possível. Não cozinhe demais para evitar que a couve fique amarela.

PRATO PRINCIPAL: Carne assada

Rendimento: 3 a 4 porções

Ingredientes:

1 kg de lagarto
vinha-d'alhos
bacon
cenoura
pimentão
óleo
farinha de trigo

1. Prepare a vinha-d'alhos com vinagre, sal, pimenta-do-reino, alho socado, louro.
2. Limpe e lave a carne.
3. Fure-a com um espeto e, nos furos, introduza tiras de bacon, cenoura e pimentão.
4. Deixe a carne por algumas horas de molho na vinha-d'alhos.
5. Tire da vinha-d'alhos e toste-a no óleo bem quente.
6. Depois de tostadas, ponha numa panela com a vinha-d'alhos em que esteve e meio copo de água.
7. Deixe cozinhar lentamente, pingando água de quando em quando, até a carne ficar macia.
8. Depois tire a carne, cõe o molho e engrosse-o com um pouco de farinha de trigo torrada.

ACOMPANHAMENTO: Croquetes de batatas

Rendimento: 3 a 4 porções

Ingredientes:

600g de batatas
2 ovos
1 colher (sopa) de margarina
1 colher (sopa) de queijo parmesão ralado
pedacinhos de queijo minas fresco
farinha de trigo
ovos batidos
farinha de rosca
óleo

1. Cozinhe as batatas e passe-as no espremedor. Ainda quentes, junte a margarina e o queijo parmesão.
2. Junte os ovos batidos separadamente e farinha de trigo que dê para enrolar (muito pouca).
3. Pegue um montinho de massa, ponha um pedaço de queijo fresco no centro e enrole feito croquete.
4. Passe os croquetes nos ovos batidos, na farinha de rosca e frite no óleo bem quente. Sirva quentinhos.

SOBREMESA: Banana em calda

Rendimento: para 6 pessoas

Ingredientes:

12 bananas
1 1/2 xícaras (chá) de açúcar
1 copo de água
1 colher (sopa) de caldo de limão
canela em pau

1. Descasque as bananas.
2. Corte as bananas em pedaços de tamanho regular.
3. Leve ao fogo juntamente com o açúcar, limão, água e canela.
4. Deixe no fogo até que as bananas fiquem cozidas.

MARIA, a virgem da visitação



A liturgia romana costuma encerrar as celebrações de maio com a festa da Visitação da Bem-Aventurada Virgem Maria. Juntamente com a Natividade da Bem-Aventurada Virgem Maria (8 de setembro), a Visitação (31 de maio) é uma celebração mariana denominada *festa*. As duas revestem-se de um conteúdo histórico-salvífico e servem de ornamento ao mistério de Cristo e de Maria.

O texto central da festa da Visitação é Lc 1,39-56, que relata o encontro de Maria e Isabel. Maria, impelida pelo Espírito e grávida do Verbo divino, visitou a Isabel. Esta, cheia do Espírito Santo, reconhece em Maria aquele que é maior, o Senhor que vem.

Ao visitar sua prima Isabel, a Virgem Maria delineia todo o mistério da salvação: Deus que visita e liberta seu povo (cf. Lc 1,68) e se torna modelo da Igreja, que, repleta do Espírito Santo, visita a todos os povos, a fim de que reconheçam o Salvador, Cristo Jesus.

Nesta festa a Virgem Maria é contemplada como:

- *nova Filha de Sião*, que leva o Senhor, rei de Israel, em seu ventre (cf. Sf 3,14-18a);

- *nova arca da aliança*, porque, grávida do Verbo divino, leva à casa de Isabel a salvação e a alegria (cf. 1Cr 13,14);

- *nova criatura* que, plasmada pelo Espírito do Senhor, gerou o homem novo, Cristo, nosso Salvador;

- *mãe do Senhor*, reconhecida como tal por Isabel, e consagrada totalmente ao mistério da redenção;

- *mulher santa*, apressada em cumprir os encargos da salvação. Sobressaindo no serviço da caridade, é com razão saudada bendita pela fé na salvação prometida (cf. Lc 1,45) e por isso Deus olhou para a humildade dela. Perfeitamente santa, todas as gerações a glorificarão.

O encontro entre Maria e Isabel deve inspirar todos os nossos encontros: se Cristo está em nós, cada um é motivo de alegria para o outro, assim como Maria o foi para Isabel quando entrou em sua casa. ■

Mauro Zequim Custódio, cmf

AM RESPONDE

Como devo me comportar, como católico, diante das chamadas "aparições de Nossa Senhora"?

Nesta questão há dois extremos igualmente prejudiciais para um posicionamento correto e sadio: em primeiro lugar, a ingenuidade de alguns católicos, que se preocupam mais com aparições (em sua grande parte discutíveis) do que com a Boa Nova anunciada nos Evangelhos e proclamada pela Igreja; em segundo lugar, a teimosia misturada com o orgulho cego de outros, que, pelo contrário, não só não aceitam pessoalmente as aparições mais criteriosamente acolhidas pela Igreja, como chegam a ridicularizar os que as aceitam.

Vamos hoje comentar o primeiro perigo. A ingenuidade diante das aparições pode chegar a cego fanatismo. Termina desviando o fiel do centro da sua fé e o faz viver mais da esperança do fantástico ou do apocalíptico do que da esperança cristã, voltada para a vivência serena do dia-a-dia. Pode conduzi-lo, como já acontece com muitos, a se preocuparem mais com "supostas aparições" do que com a sólida doutrina da Igreja e da Bíblia. É muito perigoso isso! Ter fé é uma coisa. Ser crédulo é outra.

O exemplo da igreja é iluminador: mesmo aprovando algumas aparições, ela não se baseia nas mesmas, nem sua doutrina, nem sua prática pastoral. (continua)

Dirija suas perguntas a:

AM RESPONDE

A/C P. Manoel Müller, cmf

Revista Ave Maria

Rua Martim Francisco, 656

01226 São Paulo, SP

Todo batizado deve testemunhar a fé cristã

Pe. Eugênio Pessato, cmf

Dando continuidade à nossa reflexão sobre a história da catequese, pudemos perceber até agora, neste estudo que fizemos, desde o século I até o IV, vários tipos de pessoas e vários tipos de catequese, mas com certeza podemos chamar este tempo de INICIAÇÃO CRISTÃ TOTAL, porque ao mesmo tempo que vimos a ação de homens totalmente comprometidos com Jesus Cristo, percebemos também através dos textos bíblicos a sua ação.

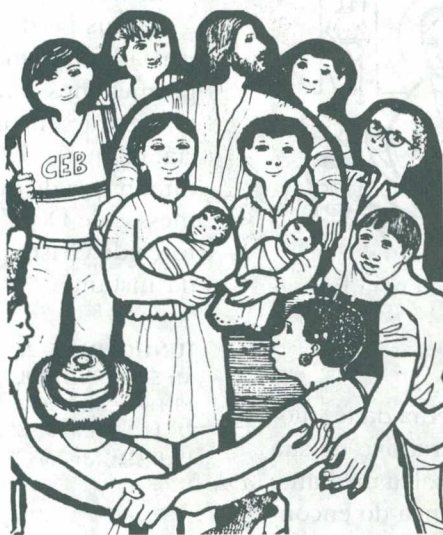
Peçamos ao Senhor que nos ajude a transmitir nossa catequese da mesma forma que transmitiram os primeiros catequistas, a exemplo do Mestre, Jesus Cristo.

1.6. Estrutura da catequese do Novo Testamento e da catequese primitiva

Ao estudarmos a catequese batismal, pode parecer-nos que o batismo é dado com extraordinária rapidez, conforme podemos conferir em At 2, 41, mas é necessário lembrar que os judeus tinham um profundo estudo e conhecimento das escrituras, e vemos que são poucos aqueles entre nós que, ao batizarem seus filhos, conhecem o mínimo da Bíblia — Palavra de Deus.

A intervenção do Espírito Santo, que converte os corações, se faz através da Palavra. É necessário que a fé seja vivida e anunciada.

Tomemos em nossas mãos a palavra de Deus e leiamos At 8, 26-40 e fiquemos atentos à resposta que o eunuco (funcionário da rainha da



Etiópia) dá a Filipe, quando este lhe pergunta: “Compreendes o que estás lendo?”

Isto é ainda muito importante para nós hoje, pois é o que especifica a catequese:

- o Antigo Testamento contém em si mesmo a própria Fé;
- o Novo Testamento a mostra conhecida, acontecida, nos acontecimentos da vida de Jesus Cristo;
- o batismo portanto só era dado àquele que conhecia a Palavra de Deus e tinha feito em sua vida uma experiência de Fé.

Conforme nos ensina a história dos primeiros cristãos, era necessário que alguém testemunhasse publicamente a fé da pessoa que seria batizada (daí a importância do padrinho ainda hoje).

A comunidade cristã era representada na pessoa do padrinho. Nos Atos dos Apóstolos, o padrinho é o próprio Espírito Santo que interfere primeiro, durante e após a conversão, como nós podemos perceber

claramente no caso de Paulo, quando é o próprio Jesus quem lhe aparece.

Para nos ajudar a perceber a importância que teve o Batismo para Paulo, devemos ler At 1-19 e então veremos como foi a sua preparação de três dias, antes de receber o batismo.

O jejum feito por Paulo antes de receber o batismo teve continuidade na comunidade primitiva; ainda hoje algumas igrejas pentecostais exigem o jejum antes de conferir o batismo aos seus adeptos.

Como entre nós a maioria dos batizados são de crianças recém-nascidas, seria muito conveniente e ajudaria os pais e padrinhos das crianças a vivenciarem muito mais este sacramento se houvesse algum gesto concreto da parte deles durante a preparação.

A Didaquê, documento do qual já falamos no n.º 7, diz: “Quanto ao batismo, seja dado da seguinte maneira: depois de haver ensinado tudo o que se deve ensinar, batizai. Aquele que será batizado, aquele que vai batizar e outros (padrinhos), podendo, jejuem antes do batismo. Principalmente aquele que será batizado, jejuem um ou dois dias antes ao menos”.

Podemos assim ter a certeza de que por mais que hoje se exija nas paróquias para que alguém possa ser batizado, ainda é muito pouco se compararmos com a catequese do início de nossa Igreja.

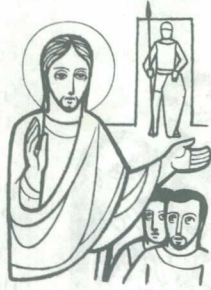
No próximo número, iniciaremos o estudo da catequese do século II ao VIII, um longo período, chamado de PATRÍSTICO. ■

OS IRMÃOS DE JESUS SÃO AQUELES QUE FAZEM A VONTADE DO PAI

10.º domingo do tempo comum
05/06/88

1.ª leitura: Gn 3,9-15

Nesta leitura vemos a cena do pecado de Adão e a ameaça à serpente. O pecado de Adão e o nosso é o orgulho de querer se agradar a Deus. Adão toma consciência de sua nudez e desproteção; ele sente medo perante Deus. O Senhor não o rejeita e sim à serpente, e sua condenação será definitiva quando a descendência humana lhe esmagar a cabeça.



2.ª leitura: 2 Cor 4,13-5,1

Paulo, nesta perícopes, aprofunda o tema da fé, motivo pelo qual os apóstolos aceitam o paradoxo de sua vida que é configurar-se com Cristo, que salva mediante a morte. A fé deve ser a razão da esperança do encontro escatológico, com Cristo. Enquanto o homem exterior caminha para a ruína, o homem interior deve se renovar para Cristo.

Evangelho: Mc 3,20-35

Neste Evangelho vemos Jesus sendo acusado de exorcizar pela própria força do demônio. Jesus chama os escribas para junto de si e dá sua resposta em parábolas. Jesus age com a autoridade de Deus para vencer o demônio. Jesus aponta com sua verdadeira família aqueles que fazem a vontade do Pai.

Comentário

Este Evangelho nos apresenta uma exigência de conversão, nos coloca diante de uma opção pró ou contra Jesus. Temos uma interrogação sobre a origem do poder de Jesus: vem do demônio ou de Deus? Mais do que as curas, foram as expulsões de demônios que causaram inquietações aos fariseus e aos mestres da lei. Estes, autoridades na matéria religiosa, vieram de Jerusalém para ver quem era Jesus. O judaísmo oficial diz que Jesus exorciza pelo poder do demônio. Em sua resposta, Jesus ressalta que seu poder não vem do demônio, pois ele questiona dizendo como poderia o Reino ou a casa do demônio ficar em pé, se fosse dividida. O poder de Jesus vem de Deus. Jesus aceita ser criticado pelas pessoas que não entendem sua maneira de atuar. Jesus é, sem dúvida, o homem forte que ques-

tiona o demônio e as potências do mal, e protege a casa. A vitória sobre o demônio se conquista na realidade, no dia-a-dia. Nós, os membros da Igreja, devemos demonstrar que, onde estamos, o reino do mal vai desaparecendo e diminuem os prejuízos, a maldade, toda a injustiça, a escravidão.

Podemos verificar que quem não entende que Jesus age com autoridade de Deus para vencer o demônio, blasfema contra o Espírito de Deus. Blasfemar contra o Espírito Santo é atribuir ao espírito mau uma obra que é manifestamente boa, e para este pecado não existe remédio.

Jesus perde seus familiares; porém, encontra seus verdadeiros irmãos. Nós, desde o dia em que nos comprometemos com a obra de Deus, temos que descobrir, temos que encontrar irmãos, irmãs e uma mãe, Maria, da qual o Evangelho disse: "Ditosa és por ter acreditado que de qualquer maneira se cumpriram as promessas de Deus". Nós devemos confiar plenamente na força de Cristo para que ela se manifeste em nós, a cada instante.

JUNHO. DIA 6, 2.ª-f.: 1Rs 17,1-6; Mt 5,1-12. DIA 7, 3.ª-f.: 1Rs 17,7-16; Mt 5,13-16. DIA 8, 4.ª-f.: 1Rs 18,20-39; Mt 5,17-19. DIA 9, 5.ª-f.: 1Rs 18,41-46; Mt 5,20-26. DIA 10, 6.ª-f.: SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Os 11,1,3-4.8c-9; Ef 3,8-12.14-19; Jo 19,31-37. DIA 11, SÁBADO: 1Rs 19,19-21; Mt 5,33-37 ou prs: At 11,21b-26; 13,1-3; Mt 10,7-13.

AS PARÁBOLAS; O REINO QUE CRESCE COMO UMA SEMENTE

11.º domingo do tempo comum
12/06/88

1.ª leitura: Ez 17,22-24

Esta perícopes é uma complementação do oráculo contra o rei de Judá que está em Ez 17,1-21. Ela completa este com um oráculo de salvação. Na explicação de Ezequiel a conclusão é que acabam os reis descendentes de Davi. Outro descendente de Davi será escolhido por Deus para ser o messias do futuro Reino. Nestes versículos é descrita a vez de Cristo e sua Igreja.



2.ª leitura: 2 Cor 5,6-10

Nesta segunda leitura Paulo nos apresenta sua meditação sobre sua existência à luz da morte. Como todos os homens, ele teme a morte e bem quisera evitá-la, mas o temor natural é logo superado pela vantagem

que ela traz ao cristão: união imediata e feliz com o Senhor. Esse pensamento traduz-se noutra imagem ainda mais íntima do que a da tenda e da veste: a imagem do exílio, durante o período da vida no corpo, e a figura da pátria a ser encontrada no céu, ao lado do Senhor. O importante é ser desde já agradáveis a Deus, praticar boas obras e enfrentar vitoriosos o juízo diante do tribunal do Senhor.

Evangelho: *Mc 4,26-34*

Nesta parábola, o evangelista Marcos nos oferece um ensinamento de Jesus sobre o Reino de Deus. Este é apresentado como um mistério, um acontecimento do qual não podemos determinar os parâmetros, assim como a semente cresce por si mesma, até que chegue a hora da messe. Este trecho deve ser para nós um forte apelo à esperança.

Comentário

O Evangelho de hoje nos apresenta a parábola da semente que cresce por si mesma e a do grão de mostarda. A parábola põe ênfase na vitalidade da semente e sugere que o Reino de Deus, comunicado por Jesus aos discípulos, por sua vitalidade divina evolui de maneira certa e irreversível, ainda que não controlável pelo homem, e por isso, certamente, atingirá o pleno desenvolvimento.

Jesus procura entrar em diálogo com a convicção íntima do homem. A parábola do grão de mostarda dá uma grande ênfase à difusão do Reino de Deus, opondo aos humildes incílios as proporções grandiosas da planta em seu pleno desenvolvimento. Esta quer derubar uma falsa ideologia de universalismo a respeito do Reino, mostrando que o universalismo não está na grandeza visível numérica, mas sim na força do crescimento constatado no grão de mostarda. Jesus revela que o Reino de Deus está acontecendo, e bem este Reino universal que é sugerido pelo próprio termo de comparação, o arbusto frondoso no qual se aninham os pássaros do céu.

Com as parábolas Jesus se adapta às disposições dos ouvintes, em especial de seus adversários; estes, impregnados de idéias errôneas sobre o messianismo e cheios de prevenção contra o mestre, não estavam em condições de assimilar um ensinamento claro sobre o Reino de Deus e sobre a figura do Messias. Daí o fato dos ensinamentos chegarem até eles através da linguagem parabólica.

Já os discípulos, ligados ao Mestre e dóceis às suas palavras, podiam receber a sós as instruções, além da linguagem mais clara.

DIA 13, 2ª-f.: 1Rs 21,1-16; Mt 5,38-42 ou prs: Is 61,1-3a; Lc 10,1-9. **DIA 14,** 3ª-f.: 1Rs 21,17-29; Mt 5,43-48. **DIA 15,** 4ª-f.: 2Rs 2,1.6-14; Mt 6,1-6.16-18. **DIA 16,** 5ª-f.: Eclo 48,1-15; Mt 6,7-15. **DIA 17,** 6ª-f.: 2Rs 11,1-4.9-18.20; Mt 6,19-23. **DIA 18,** SÁBADO: 2Cr 24,17-25; Mt 6,24-34.

QUEM É ESTE A QUEM ATÉ O VENTO E O MAR OBEDECEM?

12.º domingo do tempo comum
19/06/88

1.ª leitura: *Jó 38,1.8-11*

Nesta leitura é apresentada para nós uma forma de compreensão da pessoa de Jesus e insere-se na temática do livro de Jó. Sua lamentação é atendida, Deus lhe fala não para resolver seu sofrimento, mas para mostrar sua presença. É através da experiência de Deus que Jó consegue aprender que há alguém maior do que todo o seu sofrimento.



2.ª leitura: *2Cor 5,14-17*

O apóstolo Paulo nos revela uma opção clara e resalta que não devemos viver para nós mesmos, mas para Cristo. O amor de Cristo nos impulsiona. “Jesus deu-nos sua vida por amor”. Se percebermos esta realidade, viveremos não mais por nós, mas por aquele que morreu por todos. Teremos uma vida nova, pois, para quem é de Cristo, tudo é novo.

Evangelho: *Mc 4,35-41*

Esta narrativa do evangelista Marcos é uma abertura da série de quatro milagres (4,35-5,43) nos quais poderemos perceber as diversas reações humanas diante das manifestações da “autoridade divina”. Nesta narrativa se destaca em toda a sua realidade contrastante o mistério pessoal de Jesus, que no sono deixa ver sua humanidade e na ordem eficaz às forças da natureza deixa transparecer sua divindade.

Comentário

Podemos iniciar a nossa reflexão deste domingo com a pergunta dos discípulos no final deste Evangelho: “Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?”

Os discípulos no barco se acham em perigo de vida e repreendem Jesus. Jesus, que até o momento estava a dormir, acorda e com um gesto e uma palavra exorciza o mar como se dele expulsasse um espírito imundo: “Silêncio! Quieto!”

Jesus faz aos apóstolos a pergunta que é uma compreensão: “Por que tendes medo assim? Ainda não tendes fé?”

O tema da fé e confiança nas provações torna-se central no Evangelho. Pode parecer estranho que Jesus os repreenda por falta de fé, justamente quando se dirige a eles cheios de confiança. A reprovação de Jesus

não é com respeito à confiança mas à atitude interessada que busca unicamente conseguir alguma coisa. Neste Evangelho podemos voltar nossa atenção à reação dos discípulos e vemos em que ponto eles estão na fé. Eles se encontram diante de uma situação inesperada e a reação imediata é de medo; esta situação os leva a uma invocação e à intervenção miraculosa do Senhor. Jesus é o Filho de Deus mediante a fé, porque ele conhece profundamente a Deus. Jesus é o Filho de Deus porque se confia plenamente a Ele. Fé é entrega. Jesus conhece a providência de Deus e tem plena confiança nele. Os discípulos deviam ter entendido por que Jesus ficava dormindo: porque ele tinha fé.

Por isso, revelam-se nele as grandes obras da Providência. Crer é, com Jesus, penetrar na intimidade de Deus. O Deus da fé transcende o mundo, ultrapassa as suas leis, e não pode ser alcançado só a partir do mundo e de seus acontecimentos. A nossa fé deve nos levar a um compromisso contínuo. Ter fé é abandonar-se a Deus mesmo quando ele dorme por termos plena confiança e sabermos que nenhuma dificuldade pode vencer-nos. Ter fé é reconhecer de Jesus o poder de Deus.

DIA 20, 2ª-f.: 2Rs 17,5-8.13-15a.18; Mt 7,1-5. **DIA 21**, 3ª-f.: 2Rs 19,9b-11.14-21.31-35a.36; Mt 7,12-14. **DIA 22**, 4ª-f.: 2Rs 22,8-13;23,1-3; Mt 7,15-20. **DIA 23**, 5ª-f.: 2Rs 24,8-17; Mt 7,21-29. **DIA 24**, 6ª-f.: NATIVIDADE DE SÃO JOÃO BATISTA. Is 49,1-6; At 13,22-26; Lc 1,57-66.80. **DIA 25**, SÁBADO: Lm 2,2.10-14.18-19; Mt 8,5-17.

JESUS DOMINA A MORTE; É O SENHOR DA VIDA

13.º domingo do tempo comum
26/06/88

1ª leitura: Sb 1, 13-15; 2, 23-25

Deus criou tudo para a existência. O livro da Sabedoria vem nos ensinar a justiça, a busca de Deus com um coração justo e sincero. Quem atribui a Deus o mal e a morte, não conhece a justiça. "Deus criou o homem para a imortalidade; a morte, como pecado, é obra da inveja do demônio". Quem pertence a Deus, pela fé experimenta e sempre experimentará a vida.

2ª leitura: 2Cor 8, 7.9.13-15

Esta perícope é um tratado sobre a esmola e as disposições espirituais que devem acompanhá-las. Paulo propicia condições de vida para as comunidades pobres e destaca o grande valor do "fraterno repartir". Uma



igualdade real na distribuição dos bens diversos, é ideal constante do cristianismo. Repartindo nossos bens com os irmãos podemos imitar o amor de Deus, que se doa até o fim.

Evangelho: Mc 5, 21-43

Neste Evangelho Marcos nos coloca diante da ressurreição da filha de Jairo, do episódio da mulher hemorrágica, amostra da fé em contraste com a compreensão dos discípulos. As duas narrações destacam o poder de Jesus contra a enfermidade e a morte, a causalidade instrumental de sua humanidade e a fé como condição para se abrir aos benefícios do Homem-Deus. Aqui é acentuado o poder taumatúrgico de Jesus e sublinha a necessidade da fé para ser socorrido por ele.

Comentário

O evangelista Marcos apresenta Jesus vencedor, com grande poder, das enfermidades e da morte. No Evangelho de hoje encontramos um milagre duplo. Costumamos chamar este episódio de "a cura da filha de Jairo".

Cabe aqui ressaltar que o sentido central da relação entre milagre e fé está no episódio da mulher hemorrágica, a quem Jesus diz, depois que ela clandestinamente conseguiu tocar sua veste: "Minha filha, a tua fé te curou; vai em paz e fica curada desse teu mal". Jesus sente que o Espírito de Deus opera nele através de sua força e pergunta quem o tocou. Os discípulos, incrédulos, desviam a pergunta, respondendo que no meio de tanta gente não dá para constatar nada. A mulher, ao contrário, sentindo-se apanhada em flagrante, confessa sua cura roubada e ganha um elogio de Jesus: por sua fé, ela abriu o caminho para a força de Deus que saía de Jesus e foi curada.

Na cura da filha de Jairo devemos ter presente este sentido da fé. Jairo confia em Jesus e pode-se dizer que com muita insistência. Seus companheiros, ao contrário, acham que não se deve importunar Jesus, agora que a filha já está morta. Jesus disse ao chefe da sinagoga: "Não temas; crê somente". Ele explica que a moça apenas está dormindo e a multidão zomba dele e Jesus ordena que todos saiam exceto o pai e a mãe que demonstraram total confiança. Quem não tem fé é inacessível à revelação de Deus. Jesus tem uma atitude de muita segurança quanto ao poder de Deus. A fé, que obtém milagres, é o reconhecimento desta força em Jesus, sua íntima união com Deus Pai. Jesus é Filho de Deus e nós conhecemos o Deus que nos ama em Jesus e, dando toda a nossa confiança a Jesus, abrimo-nos totalmente à obra de Deus.

Helio Ap. Alves de Oliveira, cmf

DIA 27, 2ª-f.: Am 2,6-10.13-16; Mt 8,18-22. **DIA 28**, 3ª-f.: Am 3,1-8;4,11-12; Mt 8,23-27. **DIA 29**, 4ª-f.: Am 5,14-15.21-24; Mt 8,28-34. **DIA 30**, 5ª-f.: Am 7,10-17; Mt 9,1-8. **JULHO. DIA 1**, 6ª-f.: Am 8,4-6.9-12; Mt 9,9-13. **DIA 2**, SÁBADO: Am 9,11-15; Mt 9,14-17.

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)

Quando Deus se fez homem.

MAS, FORA ALGUNS TEÓLOGOS, VOCÊ ACHA QUE ALGUÉM IA FICAR CHATEADO SE EU TIVESSE O FILHO COMO "ODO MUNDO"?



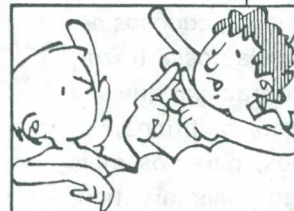
DEUS É DEMAIS...!



NÃO, MULHER, VOCÊ NÃO ENTENDEU NADA. VOCÊ VAI CONCEBER UM FILHO. MAS ACONTECE QUE NESTE FILHO HÁ DUAS NATUREZAS, DUAS VONTADES, UMA SÓ MEMÓRIA...



DESDE QUE JESUS E O ESPÍRITO SANTO VOLTIARAM DA TERRA, SO SE FALA EM TRINDADE.



PELO JEITO, ACHO QUE AGORA CRIARAM UM TEOREMA COM DEUS...



SE É UM EM TRÊS. SE SÃO TRÊS EM UM... LOGO, SÃO TRÊS NA RAIA...



...QUE COISA! É COMO QUERER OBRIGAR UMA FLORISTA A VENDER CALCULADORAS!



MAIO MÊS DE MARIA

VAMOS VER SE ASSIM DEIXAM DE MISTURAR A VIRGEM COM TODOS OS MOVIMENTOS REACIONÁRIOS...

COMO SE FAZ UMA REVISTA

Quando recebemos uma revista, dificilmente imaginamos como ela é feita. Folheando-a, curiosos pelas novidades que ela possa trazer, não percebemos o trabalho que sua feitura exigiu. Lemos os títulos, vemos as ilustrações, paramos mais tempo sobre algo mais artístico, mais colorido, e somente depois começamos a ler partindo da seção ou do artigo preferido.

Na maioria das vezes, o nosso interesse se limita em ler os artigos sem espírito crítico seguindo somente o pensamento e a idéia do redator. Quando muito, concordamos ou discordamos. Mas raramente nos dispomos a escrever para a redação, fazendo uma análise ou uma crítica que seja de proveito para a redação e para os leitores.

Vejamos como se faz uma revista.

Primeiramente o assunto a ser tratado é selecionado e escolhido. Em geral ele aborda temas do momento histórico.

O redator observa os acontecimentos, organiza e escreve fatos, dá-lhes uma seqüência lógica onde se percebe a relação de causa e efeito, e por fim redige de tal forma que o artigo seja apresentado com clareza e fidelidade.

Os colaboradores, em termos de artigos, tratam de assuntos condizentes com sua especialidade e que possam interessar e esclarecer os leitores.

Ajuntando esse material, é feita uma coordenação do mesmo, para ser diagramado, isto é, "medido" para ver a quantidade de espaço que ocupará.



São paulo, 1915

A partir do início do século a Ave Maria era impressa no prédio menor ao lado da Igreja.

Uma vez de posse dos artigos estes são passados pela revisão ou ainda por um *copy-desk* (espécie de reescrita do texto). Esse material é passado para a seção de arte, onde será estudada a melhor forma gráfica para os diversos artigos e assuntos. São calculados os espaços disponíveis, o formato das colunas, os tipos do corpo, as fotos e ilustrações, os títulos, os traços.

Definido o estilo gráfico, a seção

de fotocomposição se encarrega de confeccionar em papel fotográfico toda a matéria, e a seção de *past-up*, de fazer a primeira montagem em papel fotográfico.

Pronta a arte-final da página com as correções e emendas, a mesma passa para a seção de fotolito e montagem. No fotolito, a arte-final é fotografada em filme transparente, que será utilizado para a montagem. Esta, por sua vez, é feita em

uma folha acrílica fina, transparente, com a observância de detalhes milimétricos e bem precisos. Esta montagem é ajustada a uma chapa de zinco ou alumínio, sobre uma camada de produto químico suscetível à luz. Após determinado tempo de exposição luminosa, esta chapa recebe um banho de revelador com o qual se elimina a camada sensibilizada pela luz. São feitos os retoques finais, e está pronta para entrar em máquina.

Colocada a chapa na máquina, devem ser observados a regulagem das tintas, os esquadros para as dobras, os registros das cores etc.

No acabamento, são feitos as dobras, o encaixe à capa com a grampeação, o corte, e daí segue para o endereçamento.

O endereçamento é controlado por um fichário, onde são acrescentados os assinantes novos, reajustadas as assinaturas vencidas, feitas as cobranças por correspondência e expedidos avisos aos assinantes em atraso com os pagamentos. Esse controle de assinaturas atualmente é feito por computador.

Pronto o endereçamento, a revista é expedida pelo correio para o assinante.

Um detalhe, as capas. Normalmente uma capa não chega pronta, são necessárias várias fotos, vários cromos para se poder escolher um que se ajuste melhor à data, aos temas ou que tenha, entre muitas, melhores condições para uma quadricromia. Tudo isso supõe qualidade, proporções, correções e bom gosto.



Os Claretianos, nisso tudo, estão interessados somente numa coisa: fazer com que os católicos tenham um periódico mariano à mão como um constante subsídio para a fé, a esperança e a força que busca o bem do próximo. ■



São Paulo, 1898.
Santuário do Coração de Maria e ao lado o Colégio Claretiano.

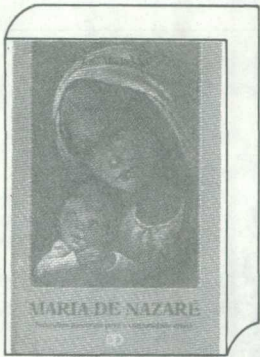


São Paulo 1930, Bairro de Santa Cecília.
À esquerda vê-se a antiga capela que foi transformada em tipografia para imprimir a Ave Maria.



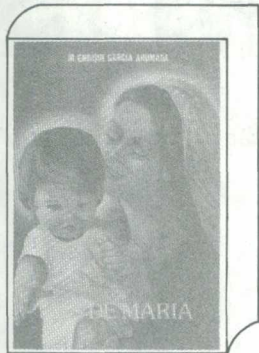
São Paulo, 1988.
“Selva de pedra”. Atrás da igreja e do colégio, o atual edifício da editora e revista Ave Maria.

LIVROS RECEBIDOS



MÊS DE MARIA - Irmão Enrique Garcia Ahumana, Edições Paulinas, 124 págs. Esta obra apresenta subsídios suficientes para organizar celebrações que se transformarão em momentos de reflexão, harmonia e enriquecimento interior. É bom que em cada celebração haja pessoas encarregadas da preparação e que essas pessoas não sejam sempre as mesmas. O desejo do autor é que todos, através de Maria, "pelo amor do Deus da vida, reconciliem-se na verdade".

MARIA DE NAZARÉ — José Maria Vigil, Edições Paulinas, 139 págs. Apresentamos aqui 31 celebrações marianas: as do mês de Maria, algumas novenas ou outras celebrações. A apresentação é clara, sucinta e comunicativa. É um livro útil para grupos e comunidades de oração e de pastoral para comunidades religiosas ou seminários, na oração pessoal e na oração comunitária. O próprio autor adverte que se deve "selecionar, corrigir, substituir, adaptar" os conteúdos.

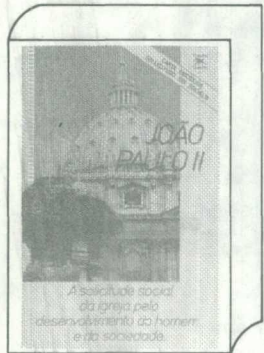
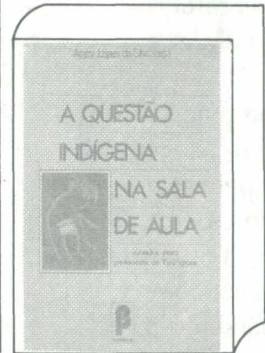


A IGREJA, SALVAÇÃO DO HOMEM — vários autores, Editora Cidade Nova, 320 págs. Este volume é o 2.º de *A Igreja, salvação do homem* e o 5.º do *Curso de Teologia*. Nele são apresentados os Sacramentos, como instrumentos da graça, qual prolongamento do próprio Corpo de Cristo, "sinais sensíveis", como escrevia o apóstolo João: "daquilo que vimos e tocamos do Verbo da vida". Há também a colocação do relacionamento entre a Igreja católica e as demais igrejas cristãs, na ótica do Vaticano II.

A QUESTÃO INDÍGENA NA SALA DE AULA — Aracy Lopes da Silva, Editora Brasiliense, 253 págs. Apresentamos um livro de interesse para antropólogos, pedagogos e sociólogos. O livro é um conjunto de propostas realistas e democráticas para tratar a questão do índio em sala de aula. Realistas por romperem com as simplificações mal elaboradas; democráticas por contribuírem para a convivência e respeito mútuo entre as diferentes etnias que compõem este país.

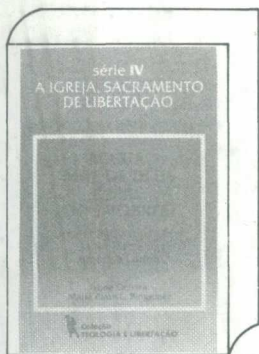


O SÍNODO E OS LEIGOS — José Ernane Pinheiro (org.), Edições Loyola, 142 págs. Esta é uma publicação sobre o último Sínodo dos Bispos que teve como tema: "A vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo". A leitura desse livro tem como objetivo motivar os cristãos leigos a assumirem mais e melhor o compromisso batismal diante dos homens e diante dos apelos e desafios do mundo de hoje. Esclarece os diferentes ministérios e funções dos leigos bem como os múltiplos carismas que o Senhor lhe dá.



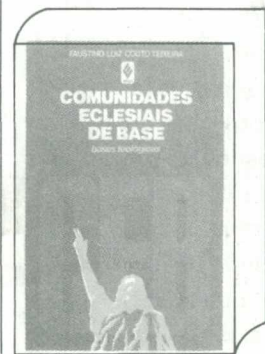
MARIA, MÃE DE DEUS E MÃE DOS POBRES — Ivone Gebara e M. Clara L. Bingemer, Editora Vozes, 208 págs. Este é o 13.º volume da coleção "Teologia e Libertação". Nele as autoras mostram Maria como mulher do povo, apaixonada pelos outros, recuperando a memória perigosa de Deus libertador que depõe poderosos de seus tronos. Da escritura passa à tradição e aos dogmas marianos. Terminam apresentando Maria latino-americana: morena, solícita e lutadora.

A SOLICITUDE SOCIAL DA IGREJA PELO DESENVOLVIMENTO DO HOMEM E DA SOCIEDADE — João Paulo II, Edições Loyola, 63 págs. Esta é mais uma encíclica escrita pelo papa João Paulo II: *Sollicitudo Rei Socialis*. Esta encíclica foi uma homenagem à encíclica do papa Paulo VI (*Populorum Progressio*) e ao seu ensinamento, e uma continuação da doutrina social da Igreja sempre renovada conforme as atualizações, comprovando assim o valor perene do ensino da Igreja.



O PLANO DE DEUS — J. Ribolla, Editora Santuário, 326 págs. Uma maneira simples e ao mesmo tempo profunda de apresentar a matéria. Após cada parte, um gráfico ilustrando o assunto e no fim do livro uma "síntese gráfica" do Plano de Deus. Com a leitura e reflexão deste livro, o leitor se encaminhará para um compromisso através de uma vida de fé como resposta à proposta do plano de Deus. Livro recomendado para palestristas e dirigentes de comunidades e em especial a todos os cristãos.

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE — Faustino Luiz Couto Teixeira, Editora Vozes, 222 págs. As reflexões encontradas neste livro têm como objetivo destacar algumas das questões teológicas fundamentais que estão na base da experiência das CEBs e que ajudarão a consolidar o caminho que os pobres descobriram para viver sua fé. Livro recomendado a todas as CEBs para ser lido, discutido, refletido e vivido.



OUVINDO HISTÓRIAS NA SENZALA — Joana dos Anjos, Edições Paulinas, 118 págs. A autora revê em seus escritos as tristes histórias de seus antepassados, a fim de que essas lembranças sirvam de força para que não se repitam mais, com raça alguma, as atrocidades que sofreu o povo negro no passado e sofre no presente. Livro indicado a todos aqueles que desejam elevar sua voz num grito de liberdade.

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

LIVRARIA AVE MARIA
Cx. Postal 54.215
01226 — SÃO PAULO

(Telex: 66-0582 e 825-0700)

- Maria de Nazaré Cz\$ 210,00
- Mês de Maria Cz\$ 160,00
- A Igreja, salvação do homem (2.º volume) .. Cz\$ 1.000,00
- A questão indígena na sala de aula Cz\$ 1.320,00
- O sínodo e os leigos Cz\$ 370,00

- A solicitude social da Igreja pelo desenvolvimento do homem e da sociedade Cz\$ 170,00
- Maria, Mãe de Deus e mãe dos pobres Cz\$ 370,00
- O plano de Deus Cz\$ 540,00
- Comunidades eclesiais de base Cz\$ 670,00
- Ouvindo histórias na senzala Cz\$ 140,00

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cz\$ 50,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por vale postal ou selos novos do Correo.

Nome: _____
Rua _____ N.º _____
Cidade _____ Estado _____
CEP _____ Assinatura _____

MEU ANJO DA GUARDA



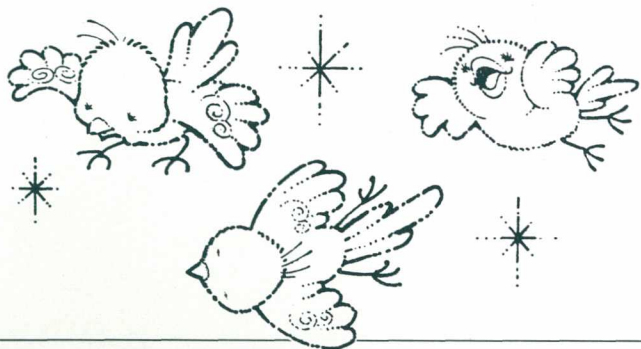
64 páginas impressas em papel de primeira qualidade, a cores. Formato 23 x 31 cm.

Para crianças dos 7 aos 12 anos, este livro, em luxuosa apresentação, é uma excelente sugestão para presente de aniversário, de Natal, de Páscoa, para o Dia da Criança ou ainda como lembrança da Primeira Eucaristia.

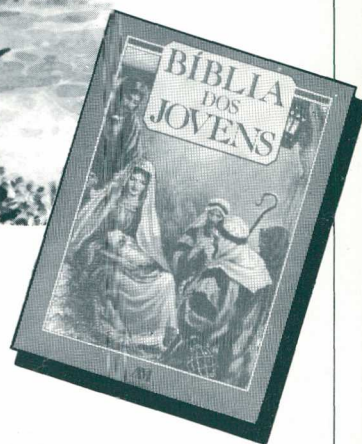
Pode ser também uma bela sugestão para presente de fim de ano, oferecido por empresas, principalmente empresas de produtos infantis e juvenis.

Meu Anjo da Guarda — fartamente ilustrado a cores — traz 14 histórias, breves e simpáticas, sobre crianças de nossos dias, em vários ambientes, com seus problemas ora simples, ora complexos.

Por trás dos 14 temas das historinhas estão valiosos ensinamentos — correspondentes às 14 obras de misericórdia ensinadas por Jesus — que levarão as crianças a cultivarem bons hábitos e puros sentimentos.



BÍBLIA DOS JOVENS



A **Bíblia dos Jovens** orgulhosamente apresenta seus mais famosos episódios, tão atuais como as aventuras emocionantes de nossos dias:

A passagem do Mar Vermelho

- Uma caminhada em meio a um escaldante deserto.
- Um povo perseguido por um exército impiedoso.
- O mar que se abre milagrosamente.

Davi e o gigante Golias

- Um jovem em luta contra um gigante.
- A vitória da inteligência contra a força.
- A conquista de um reino.

Ester e o rei da Pérsia

- Um sensacional concurso de beleza.
- A inveja de um homem mau.
- Uma mulher que salva o povo com seu amor.

O massacre das criancinhas

- Um rei corrupto que teme perder o poder.
- Milhares de crianças mortas pela espada cruel dos soldados.
- A fuga heróica de um casal de jovens para salvar seu bebê.

O julgamento

- As tramas e armadilhas dos políticos.
- Uma grande injustiça social.
- A condenação de um inocente.

Viagens pelo mar

- Um homem que tudo arrisca pelo seu ideal.
- Um navio que enfrenta tempestades noturnas.
- O grande naufrágio.

Estas e muitas outras aventuras estão em cartaz nesta novíssima **Bíblia dos Jovens** — **Ilustrada**, feita especialmente para você, jovem, que gosta de aventuras, emoções, mistério, guerras, conquistas e grandes vitórias!

A **Bíblia dos Jovens**, impressa em 528 páginas, formato 22 x 29 cm, vem enriquecida com mais de 400 ilustrações, totalmente a cores, de grande qualidade artística. É uma ótima sugestão para presentear adolescentes e jovens, por seu conteúdo e apresentação. E podemos garantir que também os adultos e crianças vão adorá-la...

Agora
no Brasil!

SÉRIE HISTORINHAS DA BÍBLIA



32 páginas totalmente ilustradas a cores.
Formato prático de 11,5 x 16,5 cm

Série de pequenas obras infantis, fartamente ilustradas, que tem alcançado expressivo sucesso em vários países da Europa e da América.

Empregando recursos próprios da narrativa infantil — como frases curtas, diálogos breves, palavras onomatopáicas, animais personificados — as **Historinhas da Bíblia** destinam-se em princípio a crianças entre 3 e 8 anos de idade. Mas têm também despertado o interesse de crianças maiores como atestam as seguintes opiniões:

“Adotei os volumes das **Historinhas da Bíblia** como obra paradidática para os alunos da 1.^a à 4.^a séries da escola onde trabalho. Foi um sucesso. As crianças desenvolveram muito o conhecimento da Bíblia e da religião, dedicaram-se mais ao desenho, e, principalmente, *interessaram-se bastante pela leitura*”.

Maria Dolores Sánchez
Orientadora Pedagógica de Escola Pública
Espanha

“Tenho três filhos de 12, 10 e 7 anos. Comprei um livrinho para cada um das **Historinhas da Bíblia**. Eles gostaram tanto que agora não param de pedir a mim e à minha mulher para comprar os outros da série. Para dizer a verdade, eles já têm todos os volumes...”

Jorge Piagentini
Argentina

“Em nossa escola ministramos o ensino religioso, que contudo não é obrigatório. Desde que adotamos as **Historinhas da Bíblia** referentes ao Antigo Testamento como obras de apoio às nossas aulas, constatamos um incrível aumento de interesse das crianças pelas aulas de Religião”.

Judy Klein
Professora da Escola Israelita
Inglaterra

Compre hoje mesmo para seus filhos ou alunos um ou mais exemplares das **Historinhas da Bíblia**. Você vai gostar dos livros. Mas as crianças vão adorar!

Títulos já lançados

O filho pródigo
O dia de ramos
A festa de Natal
Jesus ressuscitou!
O soldado que dava ordens
O caminho da cruz
José ajuda seus irmãos
E o mar se abriu...
Um bebê dentro de um cesto
Zaqueu e Jesus
José, o sonhador
A grande família de Abraão

Próximos lançamentos

Leonel, o paralítico
A ovelhinha perdida
Gedeão, o valente
O bom samaritano
O trigo e a erva malvada
A multiplicação dos pães
Deus fez o mundo
Sansão, o superforte
Daniel e os leões
Jesus anda sobre o mar
Davi e o gigante Golias
A arca de Noé